



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEd

ELISÂNGELA MARIA SILVA

GRUPO ESCOLAR PADRE DELFINO (1958-2016): HISTÓRIA E MEMÓRIA

TERESINA

2018

ELISÂNGELA MARIA SILVA

GRUPO ESCOLAR PADRE DELFINO (1958-2016): HISTÓRIA E MEMÓRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Amparo Borges Ferro.

TERESINA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

S586g Silva, Elisângela Maria.
 Grupo escolar Padre Delfino (1958-2016) : história e
 memória / Elisângela Maria Silva. – 2018.
 125 f.

 Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade
 Federal do Piauí, Teresina, 2018.
 “Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Amparo Borges Ferro”.

 1. História da educação - Timon. 2. Memória. 3. Instituição
 escolar. 4. Grupo escolar. I. Título.

CDD 370.981 21

ELISÂNGELA MARIA SILVA

GRUPO ESCOLAR PADRE DELFINO (1958-2016): HISTÓRIA E MEMÓRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: 12/12/2018.

BANCA EXAMINADORA

Maria do Amparo Borges Ferro
Prof.^a Dr.^a Maria do Amparo Borges Ferro (UFPI/PPGED)
Presidente

Ednardo M. G. do Monte
Prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monte (UFPI/PPGED)
Membro Interno Titular

Francisca das Chagas Silva Lima
Prof.^a Dr.^a Francisca das Chagas Silva Lima (UFMA)
Membro Externo Titular

Luis Carlos Sales
Prof. Dr. Luis Carlos Sales (UFPI/PPGED)
Membro Interno Suplente

Prof.^a Dr.^a Cláudia Cristina Fontenelles (UFPI/PPGED)
Membro Externo Suplente

A Deus, por sempre proporcionar generosidades e perpetuar em mim toda a garra e coragem; por nunca desistir dos meus sonhos, apesar dos vários obstáculos.

AGRADECIMENTOS

Para a realização desse trabalho, muitas foram as contribuições dos que caminharam junto a mim, dando-me valiosos incentivos. Então, gostaria de expressar a todos os meus agradecimentos.

A Deus, por me proporcionar a oportunidade de conhecer uma estimada pessoa que, ao longo de minha caminhada, desde a graduação, nessa instituição, como professora, orientadora de TCC, orientadora do PIBIC/CNPq, nunca poupou esforços para compartilhar seus conhecimentos.

À Prof.^a Dr.^a Maria do Amparo Borges Ferro, por jamais ter desistido de minha pessoa, seja orientando ou aconselhando, mas sempre estimulando a trilhar os melhores caminhos. Agradeço por ter sido minha professora, orientadora, amiga, e “mãe”, com suas doces palavras de apoio, sempre se preocupando. Certamente, sem a sua honrosa parceria e o seu apoio, não teria chegado até aqui.

Ao Prof. Dr. Ednardo, pelas orientações e pelos novos olhares sobre o que pesquisar; um professor fundamental nas leituras e descobertas de novos objetos de estudos.

Aos meus pais, Francisco Antônio da Silva e Maria do Rosário Silva, por sempre acreditarem em mim e jamais me abandonarem nos momentos decisivos de minha vida, sempre vibrando por minhas conquistas.

Ao meu esposo, Márcio, pelo carinho, pelo amor, pela compreensão por todas as ausências, e pelas incansáveis noites e dias em que, enquanto eu estudava, dedicava-se pacientemente cuidando de nosso filho, Lucas. Amo-te!

O que dizer de meu filho Lucas? Muito obrigada! Apesar da não compreensão pelo fato de que, às vezes, eu não poderia brincar, ler e até mesmo dormir com você, foi tudo planejado para o nosso melhor. Amo-te!

À minha irmã, que sempre tinha uma palavra amiga para o meu conforto e ânimo, para eu seguir com o meu objetivo.

Aos meus afilhados queridos, Abraão Henrique e Lorena, que faziam das minhas raras folgas momentos de muita diversão.

À tia Raimunda, por realizar a rotina de minha casa. Sem você, eu não daria conta da organização e limpeza de nosso cantinho.

Aos meus sogros, Cosme e Dona Creuza, que incansavelmente estiveram conosco, orientando e sempre cuidando de nosso Lucas.

À comadre Débora, pelo amor e carinho dedicado ao Lucas que, por inúmeras vezes, pedia: *Mamãe, você está ocupada, deixa a “madrinha” cuidar de mim?* Muito obrigada! Sem esse alicerce, eu não teria forças.

Aos amigos, Ravache e Ronaldo, pelo companheirismo de longa data.

A todos os participantes que colaboraram. Sem vocês, seria inviável continuar nessa pesquisa. Em especial, à Maria Dulce Pinheiro Serra: muito obrigada, encontrar você foi um presente de Deus para a realização desse trabalho.

Ao nosso grupo de estudos, NEHME, pelas valiosas trocas de informações, pelos ensinamentos e por todos os momentos prazerosos ao longo das nossas manhãs de quinta-feira, com o delicioso lanche.

À 27ª turma do Mestrado em Educação da UFPI, particularmente, aos amigos que conquistei: Maria Alda, pela sua paciência em ouvir e dividir muitos momentos do percurso da pesquisa; e Raimundo Neto (Netinho), pelas trocas de experiências com a famosa Plataforma Brasil, sobretudo, foram ímpares nessa caminhada.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI, pela oportunidade de fazer parte dessa instituição.

Ao Grupo Escolar que hoje é Unidade Integrada Padre Delfino, pelo apoio, pelo companheirismo e pela disponibilidade para o pleno desenvolvimento da pesquisa.

As memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada.

(HALBWACHS, 1990, p. 39).

SILVA, Elisângela Maria. **GRUPO ESCOLAR PADRE DELFINO (1958-2016):** História e Memória. 125f. Programa de Pós-Graduação em Educação. Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí. 2018.

RESUMO

A pesquisa em questão buscou fazer um estudo sobre Instituição Escolar, reconstituindo e organizando a história e memória do Grupo Escolar Padre Delfino, localizado na zona urbana da cidade de Timon, no Maranhão. Foi criado no ano de 1958 sendo esse o recorte inicial da pesquisa, e o recorte final em 2016 quando a instituição passa a ser Colégio Militar. O trabalho tem pressupostos teóricos e metodológicos baseados na Nova História Cultural, seguindo os traços apontados em Le Goff (2003); Roger Chartier (1990) Peter Burke (1991); e em estudos da Cultura Escolar, como Dominique Julia (2001), Souza (2005); Instituições Escolares com Gatti (2002) e Magalhães (2004), História Oral como Meihy (2011), Memória Coletiva Maurice Halbwachs (2006). Nossa pesquisa revisita a história desta instituição escolar, através de vários documentos, como: Projeto Político Pedagógico (PPP), regimento escolar, boletim escolar, ficha de matrícula, decretos, processos, Jornais, etc. Fazemos uso também dos relatos orais através das entrevistas com pessoas que participaram da vivência escolar ao longo desses anos, como alunos, diretores, professores e funcionário, assim como as fontes icnográficas também nos prestaram um grande apoio e suporte a pesquisa. O projeto educacional dos Grupos Escolares no Estado do Maranhão havia uma necessidade de inculcar na sociedade os princípios republicanos, os políticos e as camadas mais abastadas da sociedade discursavam para promover um projeto educacional que trouxesse o município à modernidade e ao progresso, visando retirar a sociedade do analfabetismo e da ignorância, estas entendidas como herança de um passado próximo. O Grupo Escolar Padre Delfino representou, naquele período, o ato principal de investida política para a formação do cidadão moderno e civilizado.

Palavras-chave: História da educação. Memória. Instituição escolar. Grupo escolar. Timon.

SILVA, Elisângela Maria. **GRUPO ESCOLAR PADRE DELFINO (1958-2016): História e Memória**. 125f. Programa de Pós-Graduação em Educação. Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí. 2018.

ABSTRACT

The research in question sought to make a study on School Institution, reconstituting and organizing the history and memory of the Padre Delfino School Group, located in the urban area of the city of Timon, Maranhão. It was created in the year of 1958 being this the initial cut of the research, and the final cut in 2016 when the institution happens to be Military College. The work has theoretical and methodological assumptions based on the New Cultural History, following the traces pointed out in Le Goff (2003); Roger Chartier (1990) Peter Burke (1991); and studies of School Culture, such as Dominique Julia (2001), Souza (2005); School Institutions with Gatti (2002) and Magalhães (2004), Oral History as Meihy (2011), Collective Memory Maurice Halbwachs (2006). Our research revisits the history of this school institution, through several official historical sources, such as: Political Project Pedagogical (PPP), school regiment, school report card, enrollment form, decrees, lawsuits, newspapers, etc. As the official sources are not enough to make the history of the School Institution, we also use oral reports through interviews with people who participated in the school experience over the years, such as students, principals, teachers and employees, as well as the iconographic sources also gave us great support and support for research. The educational project of the School Groups in Maranhão there was a need to instill in society the republican principles, the politicians and the more affluent layers of society spoke to promote an educational project that would bring the municipality to modernity and progress, with a view to withdrawing society from illiteracy and of ignorance, these are understood as inheritance from the near past. The Padre Delfino School Group represented, at that time, the main act of political investigation for the formation of the modern and civilized citizen.

Keywords: History of education. Memory. School institution. School group. Timon.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização Timon – MA	27
Figura 2 - Mapa do Maranhão	28
Figura 3 - Decreto da Lei que sanciona o Feriado em Timon	29
Figura 4 - Grupo Escolar Urbano Santos	34
Figura 5 - Visita do Governador Matos Carvalho	37
Figura 6 - Placa de Inauguração Grupo Escolar Padre Delfino	38
Figura 7 - Pe. Delfino da Silva Júnior ainda na sua juventude	39
Figura 8 - Pais do Pe. Delfino da Silva Júnior	40
Figura 9 - Pe. Delfino da Silva Júnior e seus familiares	41
Figura 10 - Carta ao Pe. Delfino no Jornal Correio de Timon	42
Figura 11 - Planta da Unidade Escolar Padre Delfino	43
Figura 12 - Autorização de Funcionamento do Curso Pré-Escolar Jardim de infância Santa Maria Gorete	47
Figura 13 - Reconhecimento do Curso Pré-escolar do Jardim de Infância Santa Maria Gorete	48
Figura 14 - Livro de Ponto (1979)	49
Figura 15 - Frequência dos Funcionários.....	51
Figura 16 - Educação Especial	53
Figura 17 - Alunos na Sala Especial (1990).....	54
Figura 18 - Colégio Militar (2016)	55
Figura 19 - Revista dos alunos	56
Figura 20 - Alunos em frente à entrada da Escola Padre Delfino (2016)	56
Figura 21 - Professora Maria do Perpetuo Socorro Ferreira Maranhão.....	57
Figura 22 - Professoras Maria do Perpetuo Socorro Ferreira Maranhão e Iracy Barros Moreira	58
Figura 23 - Professora Iracy Barros Moreira	59
Figura 24 - Certificado de Aperfeiçoamento.....	60
Figura 25 - Colação de Grau do Jardim de Infância Santa Filomena no Grupo Escolar Padre Delfino	61
Figura 26 - Colação de Grau do Jardim de Infância Santa Filomena no Grupo -	

Escolar Padre Delfino, Juramento da Turma	62
Figura 27 - Placa da 1ª Turma (1962)	63
Figura 28 - Placa da Turma (1963)	64
Figura 29 - Placa da Turma (1965)	65
Figura 30 - Placa da Turma (1966)	65
Figura 31 - Placa da Turma (1970)	66
Figura 32 - Placa da Turma (1971)	67
Figura 33 - Placa da Turma (1972)	67
Figura 34 - Evento de Primeira Eucaristia do Grupo Escolar na Igreja Matriz de São José com o Pe. Delfino	69
Figura 35 - Boletim Escolar de Notas e Frequência (1980)	71
Figura 36 - Ficha de Matrícula de Aluno	73
Figura 37 - Alunos perfilados do Grupo Escolar para o Desfile Cívico	77
Figura 38 Os jipes, com as alegorias do desfile	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Participantes entrevistados	23
Quadro 2 - Equipe fundadora da instituição	46
Quadro 3 - Diretores	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCE	Centro de Ciências da Educação
CCHL	Centro de Ciências Humanas e Letras
CEE	Conselho Estadual de Educação
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Legislação e Documentos
Pe.	Padre
PPP	Projeto Político Pedagógico
PPGE _d	Programa de Pós-Graduação em Educação
Prof.	Professor
UFPI	Universidade Federal do Piauí

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 ANDANÇAS DA PESQUISA	22
2 A CIDADE DE TIMON: CONTEXTO ECONÔMICO, POLÍTICO E EDUCACIONAL	27
2.1 Grupo Escolar Padre Delfino: aproximações com o manifesto “Mais uma vez convocados”.....	30
.....	
2.2 Implantação dos grupos escolares no Brasil, Maranhão e em Timon.....	31
3 FUNDAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO GRUPO ESCOLAR PADRE DELFINO	36
3.1 Espaço escolar	43
3.2 Professoras	57
3.3 Boletim escolar, ficha de matrícula aluno	69
3.4 Civismo e a disciplina na escola	75
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	82
ANEXOS	88

INTRODUÇÃO

A necessidade de buscar a compreensão da história e das memórias do Grupo Escolar Padre Delfino foi o que instigou, motivou e direcionou essa investigação, resultando na presente dissertação de mestrado. Isso devido ao fato de a pesquisadora ser docente desde 2010, vinculada à Secretaria de Educação do Maranhão, no cargo de Professora Instrutora de Libras.

A referência maior destinou-se ao funcionamento da escola e seu espaço escolar, englobando a prática pedagógica e até mesmo a disciplina e o seu controle. Enfim, todas as contribuições da instituição analisada, localizada na cidade de Timon, ao norte do Estado do Maranhão, Brasil. Na pesquisa, é reconstituída e organizada a história da escola, com base nos relatos das pessoas entrevistadas e de suas vivências no estabelecimento de ensino, além de memórias, documentos, fotos, jornais.

O estudo abrange desde a fundação da instituição, em 1958, até o ano de 2016, quando passou a ser uma escola militar. Atualmente, a escola militar mudou de prédio – do Grupo Escolar Padre Delfino –, ficando ocioso durante o dia e funcionando apenas à noite, uma vez que os espaços físicos das dependências se tornaram insuficientes para abrigar a demanda escolar da cidade.

São quase seis décadas de existência do grupo escolar, período que serviu para consolidá-lo como uma das principais instituições estaduais de ensino do município. A organização dos dados levantados na pesquisa contribuiu para o acervo histórico, cultural e educacional do município de Timon, tendo em vista a sistematização de fontes documentais e orais relativas à memória da instituição. Nesse sentido, o acervo encontrado e disponibilizado à pesquisadora foi de grande relevância.

O embasamento teórico para a investigação sobre o Grupo Escolar Padre Delfino foi intermediado pela Nova História Cultural, por ser um enfoque que se adequa ao estudo proposto, oportunizando a utilização de fontes variadas, como relatos orais e escritos, coleta, análise e sistematização de informações colhidas em depoimentos de pessoas-fontes, utilizados com o intuito de formar, organizar e conservar acervos documentais relativos à memória da instituição escolar.

Optou-se pela análise documental e pela história oral como técnicas de pesquisa, visando a elucidar os objetivos elencados nessa dissertação. Ademais, a investigação lançou mão de fontes orais e iconográficas, recorrendo à memória de cidadãos timonenses que exerceram a docência, além de discentes, diretores e funcionários que ali estiveram ao longo de décadas, desde a fundação e consolidação da instituição.

Cabe salientar que a memória das pessoas que estudaram e trabalharam no estabelecimento remete às lembranças que, quando provocadas pela observação de fotografias ou de documentos históricos, dão a impressão de que o passado está presente e pode ser eternizado. Nesse sentido, concorda-se com Halbwachs (1990, p. 29), para quem é preciso que haja um testemunho para que um fato se perpetue e se torne memória para um grupo.

Para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já tivemos alguma informação. [...] relação entre o testemunho do “eu” e o testemunho do “outro” deve ser harmoniosa no sentido de que ambos devem se entender como fazendo parte de um mesmo grupo e o evento vivido e recordado deve ser comum aos membros desse grupo (HALBWACHS, 1990, p. 29).

Em consonância com o referido autor, há um novo aspecto para a noção de memória, então apresenta os quadros sociais que a compõem. Para ele, mesmo que aparentemente particular, a memória remete a um grupo; o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo em sociedade, já que nossas lembranças permanecem coletivas e são aguçadas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e de objetos que somente nós vimos. Assim, unimos a visão das imagens às lembranças que existem em nós, uma vez que criamos e recriamos novas representações e nos apropriamos de fatos não vividos por nós, mas que passam a fazer parte do nosso acervo de lembranças.

A construção do objeto desse estudo constitui parte da história de professores, diretores, alunos e funcionários, de acordo com as experiências vivenciadas por eles. Para isso, tomou-se como base a história da educação brasileira e timonense, pois o cenário local pode ter suas próprias especificidades, mas está fortemente ligado às tendências educacionais nacionais.

Para a realização o estudo, empregaram-se documentos impressos; fotografias como fonte de pesquisa, valorizada na produção historiográfica; documentação escolar, decretos, fotos e demais documentos históricos encontrados nas dependências da escola, os quais apresentam a história da instituição e serão disponibilizadas à comunidade da instituição pesquisada, assim como à cidade de Timon, com vistas ao conhecimento do passado, com o auxílio das fontes inventariadas, catalogadas e analisadas.

Nesse contexto, estabeleceu-se o seguinte problema de pesquisa: como se deu o surgimento e consolidação do Grupo Escolar Padre Delfino? A partir do questionamento principal, uma série de perguntas foram desencadeadas: que aspectos do cotidiano são relevantes? Quais lembranças

marcaram a memória daqueles que participaram das facetas vivenciadas nessa instituição escolar? Quais foram as contribuições dessa instituição para a educação de Timon - MA?

O levantamento de fontes iconográficas, mediante entrevistas com ex-alunos, ex-professores e até moradores antigos da cidade em questão, ligados ao Grupo Escolar Padre Delfino, indicaram uma diversidade de entendimentos e de pontos de vista que convergem para questionamentos relacionados à educação, às práticas pedagógicas e ao espaço escolar.

A realização desse estudo oportunizará à comunidade escolar, municipal, estadual e até nacional conhecer a memória e os acontecimentos que merecem ser preservados e reconstituídos para a posteridade, por meio de registro escrito.

É oportuno ressaltar que um olhar mais detido acerca da questão acima possibilitará identificar, descrever, compreender e analisar a memória do Grupo Escolar Padre Delfino. Nesse ensejo, o presente estudo tem como objetivo geral interpretar a história e a memória do Grupo Escolar Padre Delfino, desde a sua fundação até os dias atuais. Em consequência dessas questões, alguns objetivos específicos foram traçados, a saber:

- Descrever a trajetória do Grupo Escolar Padre Delfino, desde sua fundação (1958-2016);
- Escrever a história do Grupo Escolar Padre Delfino a partir de documentos iconográficos e depoimentos dos ex-alunos, ex-professores, ex-diretores e funcionários;
- Compreender aspectos do cotidiano escolar, a partir da memória dos agentes sociais dessa instituição.

Inicialmente, para discutir a história e memória de instituições escolares, torna-se necessário expor algumas considerações sobre a temática, o que será feito a seguir.

O campo da pesquisa histórica tem passado por uma acentuada abertura de novos caminhos teóricos e metodológicos, canalizados pelo esforço de superação de uma historiografia que produzia uma descrição dos fatos acerca dos processos políticos e legais, construída sob o aspecto positivista. Em outra de suas modalidades, instigava uma narrativa carregada de análises que privilegiavam os aspectos econômicos da vida social em detrimento de outras esferas da produção (GATTI JÚNIOR, 2002).

Dentre as inúmeras temáticas pesquisadas no campo da história da educação, destaca-se a da história das instituições escolares. Com efeito, havia uma carência de pesquisas sobre as metodologias mais específicas de escolarização ocorridas nas diversas regiões e cidades do país. Todavia, a influência da nova roupagem historiográfica nas últimas décadas motivou os

historiadores da educação a legitimarem maior importância às investigações em torno de temas particulares, ou da história vista de baixo.

No âmbito dos estudos sobre instituições escolares, têm-se aprofundado as questões sobre a cultura escolar, com o intuito de conhecer a escola em sua intimidade. Ressaltam-se os de Julia (2001), que traz a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas e finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização.

Na cultura escolar, percebe-se uma predominância no sentido de oportunizar algo além da capacidade de pensar e agir dos modos da sociedade, os quais proporcionam a aquisição de conhecimento e até mesmo habilidades extraídas dos processos formais da escolarização.

Por essa razão, o embasamento teórico para a investigação acerca dos aspectos envolvidos na construção da história do Grupo Escolar Padre Delfino será intermediada pela nova história cultural, por ser uma perspectiva que se adequa ao estudo proposto, oportunizando a utilização de fontes variadas, como relatos orais, escritos, coleta, análise e sistematização de informações extraídas de depoimentos de pessoas-fontes, empregados com o escopo de formar, organizar e conservar acervos documentais relativos à memória da instituição escolar.

Na acepção de Le Goff (2003), a história das sociedades humanas e o estímulo científico ao descrevê-la e interpretá-la serão os dois cerne sobre os quais se formam o conceito de história. Porque há o tempo natural e cíclico das estações, a percepção da duração registrada pelos homens, a memória pessoal e coletiva que se submete ao calendário, representando graficamente o passar do tempo.

A história é o resultado da preocupação do homem de reconstituir o passado, relatando acontecimentos selecionados e considerados de relevância, pois a própria interpretação do passado sofre variações em conformidade com as experiências vivenciadas (FARIA FILHO, 2000).

Ao construir a história e reviver a memória à luz do tempo presente, cada fato pode ser reinterpretado. Com isso, o homem faz a história e esta o refaz, renova-o, recoloca-o perpetuamente em um universo sempre e cada vez mais ressignificado, uma vez que compreender o passado pode dar sentido ao presente e ajudar a preparar o futuro.

Levando em consideração que refletir sobre o passado não deve ser entendido como exercício de saudosismo, mera curiosidade ou preocupação erudita, denota-se que ele não deve ser encarado como algo morto ou arquivado, pois nele está a raiz do presente (ARANHA, 1989).

Em sua inteireza e completude, o passado nunca será conhecido plenamente e compreendido o seu limite. Contudo, é possível entendê-lo em seus fragmentos, em suas incertezas. Por mais que o pesquisador tente se aproximar de uma verdade sobre o passado, apostando no rigor metodológico, permanecem sempre fluidos e fugidios os pedaços de história que se pretende reconstruir.

A disposição para fazer história ou para ler o mundo como um dispositivo historiador, parte, antes de mais nada, de uma disposição radical para ler, ver, ouvir e contar o outro. Imersos em um presente que faz indagações, impõe questões, sugere temáticas, os pesquisadores atentos formulam problemáticas para a história: o que se fazia? Por que se fazia? Quem fazia? Como se fazia alguma coisa?

Para elucidar tais questionamentos, empregam-se diversas fontes, a exemplo de: jornais; mapas; fotografias; planta do grupo escolar. Assim, dada a aproximação da contemporaneidade, recorre-se nesse estudo à história oral, mediante entrevista semiestruturada, tendo como sujeitos da pesquisa pessoas que vivenciaram o processo de construção da história do Grupo Escolar Padre Delfino, cujas primeiras turmas funcionaram no Jardim de Infância Santa Filomena; em seguida, com o ensino fundamental, da primeira à oitava série; e ensino médio, hoje como Colégio Militar. Nesse cenário, contou-se com a colaboração de alunos, professores e funcionários que, a partir de suas memórias, coadjuvaram na reconstituição do passado dessa instituição.

Para Alberti (2011, p. 45),

a relação da história oral com arquivos e demais instituições de consulta a documentos é, portanto, bidirecional: enquanto se obtém, das fontes já existentes, material para a pesquisa e a realização de entrevistas, estas últimas tornar-se-ão novos documentos, enriquecendo e, muitas vezes, explicando aqueles aos quais se recorreu de início.

À vista disso, ao resolver trabalhar com história oral, experienciada nomeadamente na escola, tinha-se consciência de que se testemunhariam cenas que não pertencem somente a nós, mas a uma maioria de profissionais da educação e de muitas pessoas que passaram pelos assentos escolares, ou seja, havia ali um passado coletivo.

Em relação aos textos impressos, Chartier (1990) menciona alguns pontos a serem avaliados sobre os documentos escritos e a reconstrução dos fatos nele contidos, quando diz que é necessário

considerar a relação entre três pontos: o texto, o objetivo que lhe serve de suporte, e a prática que dele se opera.

Comunga-se aqui a posição assumida por Chartier (1990, p. 25), para quem

a história cultural, tem objetivo de identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos... Representação, prática, apropriação: é a partir destas três noções que este livro é construído... Por um lado é preciso pensá-la como a análise da representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço. As estruturas do mundo social são um dado objetivo, tal como não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcações e os esquemas que as modelam, que constituem o objeto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificando com um real bel real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como repetindo-o ou dele se desviando.

O susodito autor sobreleva a divergência de interpretação sobre o mesmo texto impresso, dependendo de aspectos como: o tipo de leitura realizada (aprofundada ou mais superficial); o grau de formação do leitor; o humor desse leitor; a maneira como esse documento chega ao público-alvo. Até mesmo pequenas diferenças de impressão podem alterar a forma de entender um mesmo texto. Outrossim, é oportuno frisar que documentos escritos, oficiais ou não, nunca são imparciais, porquanto sua impressão sempre está impregnada pelos objetivos do autor do texto, por suas expectativas e seus interesses.

Outro ponto determinante a ser avaliado é o acesso ou não a esse texto, pois nem mesmo a manutenção de documentos é neutra: muitos são perdidos e outros são arquivados, e a ausência de um documento pode ser um dado importante a ser levado em conta. Também, a identificação dos interesses para a seleção dos arquivos que devem ou não ser mantidos é conveniente para melhorar a compreensão da visão histórica.

No que se refere às fontes icnográficas, como é o caso do uso de fotografias na pesquisa, Le Goff (2003) assevera que a fotografia revoluciona a memória, pois a multiplica e democratiza, oferecendo uma precisão e uma verdade visual nunca antes atingida, permitindo guardar a memória do tempo e da evolução cronológica.

Isso posto, a nova história cultural emerge com essa denominação na França, ligada à Escola dos Annales. Consoante Burke (1997), a nova história cultural não é tão nova quanto o nome sugere. É inegável a importância da Escola dos Annales nessa construção e expansão atual, mas tais

estudos e lutas remontam ao século dezoito. A grande novidade que surge, a partir das contribuições e avanços desse grupo, é o crescimento do número de historiadores preocupados com a escrita da história.

Prosseguindo a discussão teórica, concebe-se outra categoria de extraordinária significação para esse trabalho: a utilização da memória para propiciar a compreensão do presente. Para Le Goff (2003), a memória onde cresce a história que, por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir tanto ao presente quanto ao futuro. Nessa lógica, deve-se trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a liberação, e não para a servidão humana.

Sobre memória, Ferro (2010, p. 40) oferece um suporte inescusável, ao assentir que

a memória é sempre uma interpretação influenciada pela experiência do presente. Todo o trabalho do historiador é uma representação do passado. Mas, é além disso, uma seleção do que é considerado importante. A memória constrói, reconstrói, reelabora e ressignifica o passado.

Portanto, a memória não segue um modelo textual, linear. Não basta colhê-la e reproduzi-la em extensas citações para que, efetivamente, tenha-se elaborado um conhecimento em história da educação. Impõe-se trazê-la rica e estranha, composta de reminiscências e esquecimentos, pérolas e corais, para compor fragmentos de pensamento, narrativa do tempo passado e presente (CATROGA, 2015).

Na concepção de Le Goff (2003), a memória é o antídoto do esquecimento, isso porque ela serve para ocultar o tempo passado e esquecer a ferida demasiado viva, perturbando com recordações que distorcem a ordem inicial dos acontecimentos. Por isso, muitas vezes, é mais traumática a lembrança do que o fato em si. Sem memória não há identidade. Então, o tempo da memória é a nossa mais bela capacidade. Daí porque é preciso festejar a memória, falar com as lembranças, com a vida destas.

Logo, o estudo da história da educação é meritório para a autocrítica da realidade atual. Ferro (1996) corrobora essa ideia da seguinte forma: “[...] o conhecimento do passado é fundamental para que se entenda em profundidade os aspectos atuais do ensino, se possa evitar os erros do passado e preparar as ações futuras com mais eficiência.”

Sendo assim, a história da educação tem inovado e incorporado categorias, como a de gênero de etnia e de geração ao lado da classe social – questões fundamentais para entender o que foi a educação brasileira. Outra tendência é realizar estudos mais localizados com realidades mais circunscritas, e com períodos mais curtos de tempo.

Nessa perspectiva, o presente trabalho está organizado em três seções, delineadas na sequência.

Introdução, apresenta as informações introdutórias sobre a pesquisa, a justificativa, os objetivos.

A Seção I, *Andanças da Pesquisa*, apresenta todo os pressupostos metodológicos para elaboração do trabalho todo o percurso trilhado.

A Seção II, *A cidade de Timon: contexto econômico, político e educacional*, aborda temas atinentes ao cenário municipal, em relação aos aspectos político, econômico, social e à educação. Relata, ainda, a história da educação no Brasil, a fim de situar o leitor nesse cenário.

A Seção III, *A Fundação e consolidação do Grupo Escolar Padre Delfino*, descreve a sucessão de eventos extraordinários, ações gloriosas, os docentes, bem como o contexto do colégio examinado, no âmbito educacional de Timon – MA.

As *Considerações Finais* revelam uma visão panorâmica da educação ao longo do estudo. Para tanto, retomam os principais elementos que caracterizaram a escola pesquisada, tais como: a construção, a consolidação, as relações e a convivência de professores e alunos do referido grupo escolar, até os dias de hoje.

1 ANDANÇAS DA PESQUISA

Para analisar as questões centrais e atender aos objetivos norteadores desse estudo, realizou-se um levantamento prévio de documentos na escola, além de pesquisas em sites para identificar trabalhos já realizados sobre a cidade. Foram encontradas fontes iconográficas (fotos), de uma ex-aluna da primeira turma do Grupo Escolar Padre Delfino, bem como acervos particulares de duas professoras e documentos escritos de acervo da escola, tais como: documentos históricos; boletim escolar; ponto de frequência dos funcionários; projeto de construção do prédio escolar; portarias de autorização de funcionamento e de reconhecimento da escola, entre outros.

A entrevista, como técnica de pesquisa, decorre de sua característica de mediação do relato oral. Na etapa inicial desta, entrevistaram-se três participantes de um universo planejado para dez integrantes, cujas informações possibilitaram dar novos encaminhamentos ao percurso de investigação.

Com esse propósito, empregou-se um aparelho celular com a finalidade de gravar a fala de cada um, nos primeiros encontros, que foram promovidos por telefone. Por sinal, foram várias oportunidades e, em outra ocasião, conversou-se pessoalmente sobre o trabalho.

Houve alguma resistência para a gravação das entrevistas, quando os interlocutores alegavam vergonha, esquecimento ou o fato de que não sabiam mais de nada da época, e até nervosismo. Não obstante, a pesquisadora, com determinação e paciência, alcançou seu intento, realizando-as após longas conversas sobre a importância de cada participação para a composição da análise.

Segundo Alberti (1989, p. 6), a história oral constitui um documento, mesmo que seja transcrito, pois

o documento de História Oral deve ser considerado como um diálogo entre entrevistado e entrevistador, de uma construção e interpretação do passado atualizada através da linguagem da fala. Além disso, o caráter oral do depoimento, resguardado pela gravação, fornece ao pesquisador outras possibilidades de investigação, no que diz respeito às particularidades e recorrências do discurso do entrevistado.

O *lócus* empírico contemplou diferentes espaços em razão das características do objeto. Nesse sentido, envidou-se uma busca no site da Universidade Federal do Piauí (UFPI), a fim de rastrear pesquisas especificamente nos cursos de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências da Educação (CCE), e História, do Centro de Ciências Humanas e

Letras (CCHL). epois, essa busca ocorreu na própria escola, em acervos particulares; no Arquivo Público de Teresina – PI; no Arquivo Público do Maranhão, em São Luís; na Biblioteca Benedito Leite.

As entrevistas foram realizadas nas residências de cada participante, exceto com a secretária Helenita Oliveira Mota Assunção que, devido a problemas particulares, pediu que fosse realizada na casa de sua tia. E a professora Lêda Maria Moraes Alves que, mesmo aposentada da SEDUC-MA, foi convidada a colaborar com a educação de Timon, por intermédio da Secretária Municipal de Educação.

Assim, trabalhou-se com um universo de ex-professores, ex-alunos, ex-diretoras, ex-secretário do grupo escolar em apreço, totalizando dez entrevistados, cuja a lista está disponível no Quadro 1.

Quadro 1 – Participantes entrevistados

NOME	CATEGORIA
Eli Maria Ribeiro Silva	Docente e Diretora
Helenita Oliveira Mota Assunção	Secretária
Iracy Barros Moreira	Docente
Lêda Maria Moraes Alves	Docente
Maria Dulce Pinheiro Serra	Discente
Maria Goreti Feitosa Gonçalves	Docente
Maria Ivanisa Figueiredo	Docente
Marize da Silva Lima Gomes	Sobrinha do Padre Delfino
Teones do Rêgo Silva	Docente e Diretora
Teresinha de Jesus da Mata	Docente e Diretora

Fonte: elaborado pela autora (2018).

O caminho da investigação teve início no acervo da escola, constituído de documentos, fotografias, livro de ponto, boletins escolares, fichas de matrículas, atas, planta, e registros do grupo escolar em epígrafe. Vale dizer que os funcionários atuais do colégio desconheciam os documentos que estavam no acervo da instituição.

Os funcionários relataram que ficam em uma sala que acumula todo tipo de documentos, funcionando como um depósito. Muitos destes correspondem a fotografias que ficaram perdidas no tempo em decorrência de mudanças de salas, a fim de melhor organizá-los, chuvas, ou reformas que

eram feitas na escola, ou mesmo por descaso dos colaboradores do próprio estabelecimento, ao longo dos tempos.

Em um segundo momento, a referência foi uma ex-aluna da primeira turma do Grupo Escolar Padre Delfino, do jardim de infância, com quem se manteve contato, oportunidade em que se obteve acesso às fotografias relativas ao período pesquisado. Após pesquisas e leituras de trabalhos sobre a educação de Timon, manuseou-se o acervo pessoal da professora Socorro Maranhão, já falecida, por meio da colaboradora Prof.^a Dr.^a Odaléia Alves da Costa,¹ que é pesquisadora e realizou trabalho de iniciação científica sobre o Grupo Escolar Padre Delfino.

No processo de busca, visando a ampliar as fontes, chegou-se à Aline Carla de Sousa Leite, estudante que já havia participado de pesquisas em Timon, no curso de extensão realizado pelo Núcleo História e Memória da Educação (NEHME), da UFPI, no campus de Teresina, em outubro de 2017. Nessa oportunidade, a pesquisadora apresentou o projeto de pesquisa, despertando na ouvinte o interesse em se tornar uma colaboradora da pesquisa, dando vez à iniciativa de compartilhar fontes já pesquisadas na cidade de Timon.

Aline também é moradora de Timon, e apresentou o senhor Joaquim Francisco Vasconcelos Gomes, outro colaborador imprescindível, conhecido popularmente como seu Quincas, um morador antigo da cidade e esposo de uma sobrinha do Padre Delfino. Foi o momento em que se percebeu que se estava no caminho certo e que as fontes começavam a germinar.

Por intermédio dele, teve-se acesso ao Jornal Correio de Timon dos anos de 1957 e 1958, depois de várias visitas à sua residência para conseguir, de fato, verificar essa fonte. Nesse âmbito, Aline tornou-se uma grande parceira na busca de fontes.

Todo o material ao qual se obteve acesso foi organizado em pastas no computador, de acordo com os conteúdos e as suas respectivas datas. Em seguida, entabulou-se a análise. Importa esclarecer que alguns documentos, por não atenderem aos objetivos da pesquisa, não foram empregados. Ademais, esse estudo não lançou mão somente dessas fontes escritas.

¹ É doutora em educação pela Universidade de São Paulo (USP, 2013). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI, 2008). Licenciada em pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA, 2005). Está realizando estágio pós-doutoral sob a supervisão da Profa. Dra. Rosa Fátima de Souza, na UNESP Araraquara, com a seguinte pesquisa: História e Memória do EDURURAL/NE no Estado do Maranhão: 1980-1987. Atualmente, é professora do Instituto Federal do Maranhão, Campus Timon, atuando como professora das disciplinas pedagógicas na Licenciatura em Ciências Biológicas. Tem experiência na área de educação, com ênfase em história da educação, principalmente com os seguintes temas: história da educação rural no Maranhão, livro didático, educação do campo, movimentos sociais, história das instituições escolares. Líder do grupo de pesquisa: História e Memória das Instituições Escolares (NEPHIME), vinculado ao CNPq e certificado pelo IFMA. E-mail: odaleia@ifma.edu.br
Informações coletadas do Lattes em 28 set. 2018.

Assim, foram cumpridas várias visitas ao Arquivo Público do Piauí, por meio das quais não foi possível localizar informações sobre o grupo escolar nos jornais teresinenses. Não convencida de que os jornais poderiam ser aliados nessa pesquisa, dentro do processo de busca de dados, em maio de 2018, essa pesquisadora compareceu à capital maranhense para uma participação no GT: Instituições Escolares, no XI Encontro Maranhense de História da Educação – História da Escola: Métodos, Disciplinas e Currículos, quando foram adquiridas algumas obras maranhenses sobre os grupos escolares do Estado.

Em visita ao Arquivo Público do Maranhão, alguns documentos, como o Regimento dos Grupos Escolares do Maranhão, relativo à sua primeira fase, de julho de 1904, foram localizados, assim como algumas reportagens sobre a educação maranhense. Nesse mesmo período, revistou-se a Biblioteca Benedito Leite que, mesmo não fornecendo novas fontes, possibilitou identificar os mesmos jornais aos quais já se havia tido acesso por meio de seu Quincas, que os concedeu para fins dessas análises.

Visando à composição do trabalho, fez-se uso das entrevistas, cujo critério de escolha dos participantes era que tivessem feito parte da cultura escolar da instituição em estudo, na qualidade de professor, aluno, diretor ou secretário.

A propósito dessa questão, Halbwachs, (1990, p. 34) declara que

para que nossa memória se auxilie com as dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como nos dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade.

A escolha ou indicação de ex-alunos e ex-professores decorreu das leituras sobre a educação de Timon, resultando na designação desses sujeitos, que tiveram algum vínculo com a instituição pesquisada. Nesse cenário, fazem parte do universo da pesquisa dez entrevistados, colaboradores que forneceram informações fundamentais ao processo de investigação, a exemplo de: antigos moradores, como a sobrinha do Pe. Delfino, que também trabalhou no Grupo Escolar Padre Delfino; ex-alunos; ex-professores, diretores e secretários. Alguns deles pertencem a duas

categorias: ex-alunos e ex-professores. Como a cidade é pequena e muitos ainda moram ali ou nos arredores, a localização dos selecionados deu-se por telefone.

Executadas todas as entrevistas, sobrelevaram-se os principais pontos para fins desse trabalho, registrando-se as ligações e repetições de algumas indagações. Vale dizer que uma questão foi aberta a fim de que o entrevistado pudesse assinalar suas recordações ou relatar algum fato que considerasse importante. Em seguida, procedeu-se a análise dos documentos catalogados e das entrevistas, que se constituíram como elementos da construção da memória do Grupo Escolar Padre Delfino.

A entrevista com a professora Iracy resultou na aquisição de várias fotos das placas de formatura do jardim de infância, todas produzidas por ela, cujos relatos são ricos de detalhes, apesar da sua idade já não permitir tantas lembranças de outros momentos vividos ao longo dos anos que contribuiu como docente na instituição em apreço. Elas serão averiguadas na próxima seção.

2 A CIDADE DE TIMON: CONTEXTO ECONÔMICO, POLÍTICO E EDUCACIONAL

De acordo com os escritos de Sousa (2005), Timon é o 49º município do Estado do Maranhão, localizado na região do Médio Parnaíba – Leste do Maranhão – Região dos Cocais. Limita-se ao Norte com o município de Caxias, ao Sul com Parnarama e Matões, ao Leste com o Rio Parnaíba e ao Oeste com os municípios de Matões e Caxias.

Seus rastros foram demarcados desde as comunicações entre a Vila da Mocha, hoje Oeiras, no Piauí, e Aldeias Altas, hoje Caxias, no Maranhão, ainda no século XVIII. Havia uma Passagem de Santo Antônio, como se chamava o único ponto de travessia no Rio Parnaíba, distante 13 km da sede, que até 1779, era o único aglomerado humano existente, a estrada real que ligava os dois Estados.

Figura 1 – Localização de Timon – MA



Fonte: Google Maps (2018).

Corroborando Coêlho (2015), com a instalação de Teresina, em meados do século XIX, ganhou importância o porto de São José do Parnaíba, mais tarde das Cajazeiras, por situar-se privilegiadamente em frente à nova capital do Piauí. Foi então que fazendeiros de diversas regiões e aventureiros vindos com os jesuítas, que colonizaram as Aldeias Altas – MA, estabeleceram-se ao longo de outra estrada, aberta para ligar Teresina àquele povoado maranhense.

Figura 2 – Mapa do Maranhão



Fonte: IBGE (2018).

De acordo com Sousa (2005), por volta de 1855, o então Presidente da Província do Maranhão, Eduardo Olímpio, promulgou uma lei elevando o povoado à categoria de vila, que passou a se chamar São José do Parnaíba. Com o passar dos anos, em 1863, em atendimento à solicitação dos conselheiros da Vila de Matões, foi revogada a lei anterior. No ano seguinte, novamente na condição de povoado, foi nomeado São José das Cajazeiras.

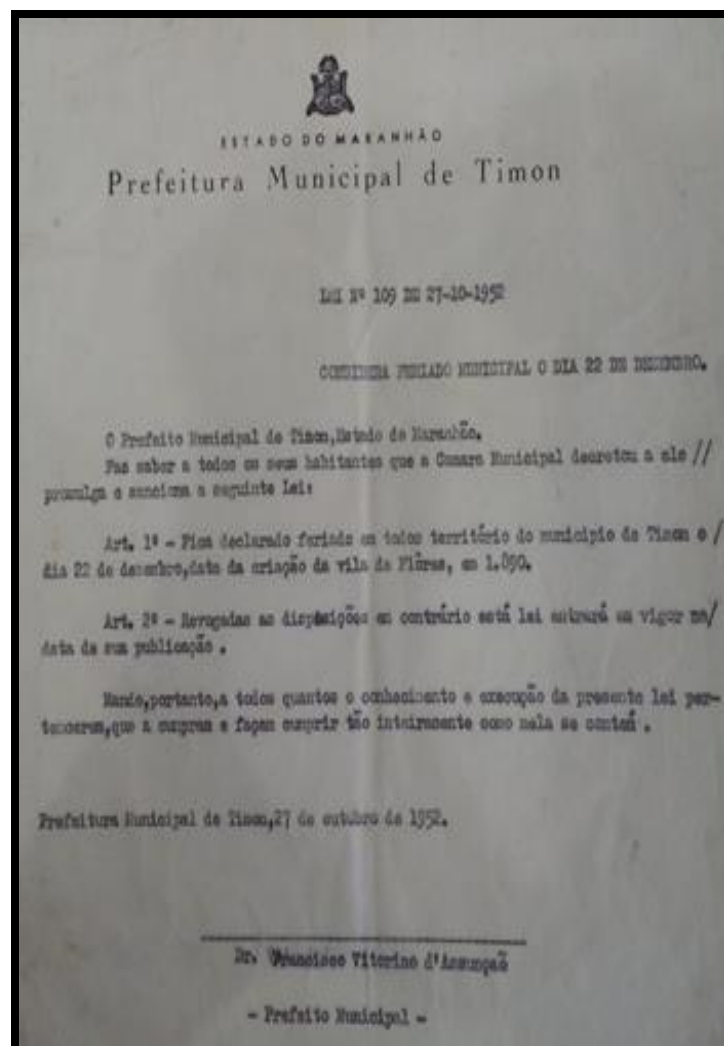
Com a Proclamação da República do Brasil, em 1989, o primeiro Governador do Estado do Maranhão sancionou, em 22 de dezembro de 1890, a lei que elevava o povoado de São José das Cajazeiras à categoria de vila, dando-lhe o nome de Flores. Em 10 de abril de 1924, outra mudança

significativa aconteceu: a elevação da vila à categoria de cidade, mantendo o nome de Flores, por intermédio da Lei nº 1.139, assinada pelo Governador Godofredo Mendes Viana.

Em virtude de o novo nome também pertencer a outro município, e considerando que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1943, não admitia duas cidades homônimas – já havia a cidade de Flores, no Rio Grande do Sul –, o Governador Paulo Ramos, por força do Decreto-Lei nº 820, alterou o nome da cidade para Timon, homenageando o intelectual maranhense João Francisco Lisboa, que deixou uma obra com o título *Jornal de Timon*, em referência ao célebre filósofo da Antiga Grécia, cujo nome era Tímo.

De acordo com o documento demonstrado na Figura 3, expedido pela Prefeitura Municipal de Timon, correspondente à Lei nº 109, de 27-10-1952, verifica-se a confirmação do aniversário da cidade, decretado como feriado municipal.

Figura 3 – Decreto da Lei nº 109 de 27-10-1952, que sanciona o Feriado em Timon



Fonte: Arquivo Público do Maranhão

2.1 Grupo Escolar Padre Delfino: aproximações com o manifesto “Mais uma vez convocados”

O recorte inicial dessa pesquisa está inserido no fim da década de 1950, conhecida como *anos dourados*, período de grande desenvolvimento tecnológico, econômico e científico, e meados da década de 1960, que corresponde ao período do regime ditatorial militar.

Nesse cenário, com vistas a melhor administrar a educação, assistiu-se à publicação da primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB), inaugurando a reforma do ensino superior e a implantação do tecnicismo como pedagogia oficial pelo governo federal – acontecimentos que repercutem até hoje na sociedade, em especial no campo da educação.

Entretanto, Marcílio (2005) desvela que a qualidade do ensino naquela época não era tão maravilhosa quanto às vezes se idealizava, ratificando que não se deve esquecer de que a escola pública daquele período era voltada para poucos.

A educação é considerada um instrumento de mobilidade social. Na década de 1960, ela deveria dar *status* aos indivíduos, representando, para eles, a possibilidade de ascensão na hierarquia social e o prestígio que caracterizava a estrutura piramidal da sociedade e, para a sociedade, maior abertura do sistema de estratificação social.

Ao longo da década de 1950, a educação básica tomou fôlego com a publicação, em 1959, de um manifesto de educadores, intitulado *Mais uma vez convocados*. De acordo com Xavier (2002, p. 45), dada a disputa por recursos públicos para a educação, ela assumiu outra roupagem, o que, grosso modo, colocou em lados opostos aqueles que atribuíam os investimentos estatais à escola pública e os grupos interessados em garantir a aplicação de recursos públicos também nas escolas privadas.

Tratava-se de uma alusão a outro manifesto, lançado em 1932, pelos mesmos educadores, o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. Fernando de Azevedo, redator do primeiro texto, redigiu também o de 1959, que foi assinado por cento e oitenta e nove pessoas ilustres, entre as quais, Anísio Teixeira, signatário do primeiro.

Após um longo intervalo de vinte anos, retomou-se a visibilidade de um grupo que ficara conhecido como os *Pioneiros da Escola Nova*. Sua bandeira, desde os anos 1930, consistia na defesa, como direito dos cidadãos e dever do Estado: de uma educação pública, obrigatória, laica e gratuita, ou seja, uma educação garantida pelo Estado para todos aqueles que estivessem em idade de frequentar a escola; da obrigatoriedade da matrícula, sob pena de punição; da não submissão da

educação a qualquer orientação confessional; e, finalmente, da gratuidade da educação, para que todos, indiscriminadamente, tivessem acesso a ela.

Na cidade de Timon, não seria diferente. A educação representava, portanto, o principal mecanismo de socialização e desenvolvimento do ser humano, responsável pela transmissão e perpetuação da cultura. Todavia, embora fosse o mais importante, não detinha a exclusividade do poder cultural, pois com a difusão dos meios de comunicação de massa, vivenciava-se a propagação da cultura com diversidade de fontes e referências.

Quando o Grupo Escolar Padre Delfino foi inserido na cidade, havia poucas escolas. Não obstante, com a crescente população, urgia a necessidade de o sistema de ensino ampliar o número de matrículas. Consoante Sousa (2005), a construção do Grupo Escolar Padre Delfino foi uma das principais obras do Prefeito Joaquim Martins Ferreira, perpetuando na cidade o desejo de desenvolvimento e maior acesso à educação para todos, sem distinção de classes.

Apesar disso, depreende-se que em seus primeiros anos de funcionamento, havia uma grande predominância da elite da cidade estudando naquele recinto, em virtude de a escola pública naquele momento ser a melhor opção para os filhos iniciarem seus estudos.

2.2 Implantação dos grupos escolares: uma nova organização escolar no Brasil, no Maranhão e em Timon

No Maranhão, de acordo com Silva (2015), as primeiras manifestações de criação dos grupos escolares na capital, datam do período de 1903 a 1912, e no interior, somente a partir de 1905. Porém, houve um segundo momento, quando ressurgiram, em 1919, por meio da movimentação de políticos e adeptos da educação, que tinham a intenção de contemplar os interesses do Estado republicano, no sentido de formar um grande número de alunos devido aos problemas históricos de analfabetismo no Brasil.

Para Silva (2011), o Decreto nº 182 de 1919 concede autorização para a reorganização do ensino público do Estado do Maranhão, criando grupos escolares em São Luís e no interior, Sotero dos Reis, Antônio Lobo, Gomes de Sousa, Adroaldo Mesquita, Henrique Leal, Barbosa de Godóis, Almir Nina, Pedro Leal, Almeida Oliveira, Benedito Leite, Padre Antônio Vieira, Raimundo Lopes, Raimundo Correia, Bequimão, Sousândrade. A segunda fase desse processo estende-se até 1970, quando os grupos escolares deixam a cena educacional para serem transformados em unidades escolares.

Os grupos escolares surgiram no Brasil após a Constituição de 1891, momento em que foi delegada aos Estados e municípios a responsabilidade de organizar, implementar e manter o ensino primário no país, cabendo-lhes realizar todas as reformas de ensino que se adequassem às necessidades político-educacionais existentes.

Entretantes, antes de se manifestarem no Brasil, já havia experiências em outros países. O primeiro grupo escolar brasileiro foi criado na cidade de São Paulo, em 1893. Destacou-se como pioneiro desse sistema, servindo de modelo para os demais Estados devido às suas condições socioeconômicas e políticas, favoráveis à implantação do novo modelo (SANTOS, 2013, p. 15).

Sobre os grupos escolares, Saviani (2004) assim se posiciona:

constituíram um fenômeno tipicamente urbano, já que no meio rural ainda predominou as escolas isoladas por muito tempo. O Grupo Escolar foi uma escola eficiente para a seleção e a formação das elites. A questão do ensino para as massas populares só esteve presente na reforma paulista de 1920. Os grupos escolares também eram conhecidos como escolas graduadas, já que possuíam turmas seriadas.

O ensino primário foi designado para ser ministrado em quatro anos, a partir de um programa com matérias que proporcionavam uma educação integral: educação física, intelectual e moral. Exigia-se, portanto, uma rígida disciplina dos alunos, mediante assiduidade, asseio, ordem, obediência etc.

O tempo escolar passou a ser controlado por intermédio do calendário. Havia, inclusive, práticas ritualizadas e simbólicas, como as datas cívicas, as exposições escolares e as festas de encerramento do ano letivo. Essa escola passou a ser responsável por gerar novos dispositivos de racionalização administrativa e pedagógica, necessários ao desenvolvimento da sociedade capitalista, principalmente nos processos de urbanização e industrialização. Foi, ainda, um projeto cultural a favor da nação, pois educava mais do que instruía (SOUZA, 2004).

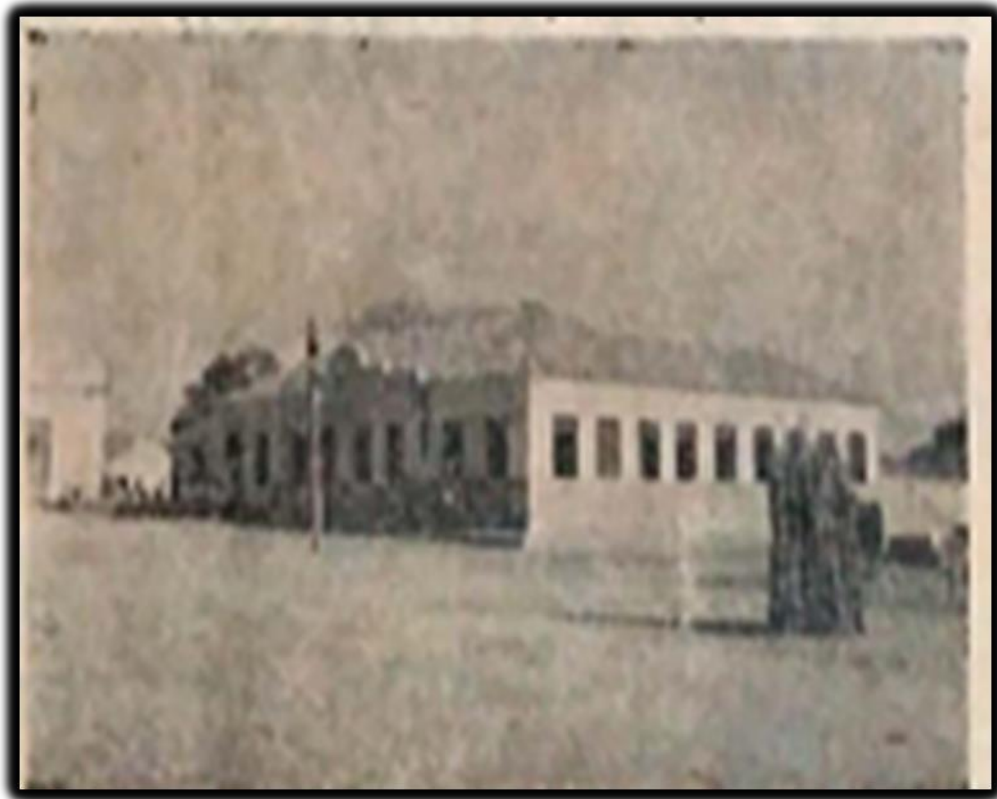
Na cidade de Timon, segundo Silva (2014), o primeiro Grupo Escolar está inserido na segunda fase, especificamente quando foi instalado o Grupo Escolar Urbano Santos,² mencionado no Decreto Lei nº 564, de 31 de dezembro de 1941, ratificando a criação de novas escolas primárias no interior do Estado. Este funcionou desde a sua implantação, no ano de 1942, até o término do ano letivo de 1950, no antigo prédio, onde também funcionava a Prefeitura Municipal de Timon, na Rua Coronel Falcão, no centro da cidade.

A criação do Grupo Escolar Urbano Santos, o primeiro, conforme Silva (2014), foi atestado pelo do Diário Oficial do Estado do Maranhão, Ano XXXVII, nº 76, de 15 de abril de 1942. Esse ato ocorreu durante a semana organizada pelo Estado do Maranhão, em decorrência das comemorações do aniversário natalício do Presidente da República, Getúlio Vargas.

A seguir, na Figura 4, ilustra-se o aspecto arquitetônico do grupo escolar, embora com uma visibilidade não muito acessível. Contudo, observa-se que o prédio ostentava grandes janelas com vistas para a rua, talvez objetivando a iluminação natural e a ventilação no espaço, e uma fachada com arco e Brasão do Estado do Maranhão, denotando o fortalecimento da memória do Estado e a demonstração de poder.

² Urbano Santos da Costa Araújo, mais conhecido por Urbano Santos, Nasceu em Guimarães – MA, em fevereiro de 1859, e faleceu no Rio de Janeiro, em maio de 1922. Doutorou-se pela Faculdade de Direito do Recife (1882). Na terra natal, foi Promotor das comarcas de Mirador e Rosário, e Juiz Municipal de S. Bento. Além de promovido a Juiz de Direito de S. João Batista de Campos Novos – SC. Na República, foi Juiz, em São Luís, Deputado, em 1877, e Senador, em 1906, pelo Maranhão; Vice-Presidente da República (1914/18), tendo ocupado a Presidência, por algum tempo, em 1917, durante impedimento de Venceslau Brás. No governo de Delfim Moreira (1918), ocupou o Ministério da Justiça. Por três vezes, foi eleito Governador de seu Estado (1898, 1913 e 1918), mas comente na última aceitou o cargo. Em chapa encabeçada por Arthur Bernardes, elegeu-se, em 1922, novamente, Vice-Presidente da República, mas faleceu antes de tomar posse. Esse notável estadista foi eleito sócio-honorário do IHGB, em 31 de junho de 1915, passando a benemérito em 1917. Prestou grandes serviços ao Instituto, um deles ter conseguido a publicação integral de todos os volumes relativos ao I Congresso de História.

Figura 4 – Grupo Escolar Urbano Santos



Fonte: Jornal Correio de Timon (out. 1957).

O edifício escolar singulariza-se pela simplicidade das formas, pelo tamanho moderado e pela uma disposição horizontal do prédio, sem que se destacasse demais em meio à paisagem urbana. Dessa forma, garantia-se que o volume da edificação estivesse mais em consonância com as dimensões humanas do que com a monumentalidade, que passou a ser vista como típica de uma sociedade excessivamente hierarquizada.

A nova escola trouxe à cidade um ensino inovador na época, sendo reputada como uma escola urbana e moderna, assim como os outros grupos escolares que afloraram em diferentes pontos do país. Para Souza (2004, p. 127),

clara concepção de ensino; educar pressupunha um compromisso com a formação integral da criança que ia muito além da simples transmissão de conhecimentos úteis dados pela instrução e implicava essencialmente a formação do caráter mediante a aprendizagem da disciplina social – obediência, asseio, ordem, pontualidade, amor ao trabalho, honestidade, respeito às autoridades, virtudes morais e valores cívico – patrióticos necessários à formação do espírito de nacionalidade.

Aliás, é possível visualizar, pela figura exibida, que o projeto de construção dos edifícios escolares do Maranhão são modestos, se comparados aos prédios edificadas em cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro. Em meados da década de 1960, a atual Avenida Paulo Ramos e o largo da Praça São José, onde o prédio do primeiro grupo escolar foi construído, contava com acanhados traços urbanísticos. E em volta ao mesmo logradouro residiam as famílias ricas economicamente, onde também ocorriam os movimentados festejos de São José e Santo Antônio, promovidos pela Igreja Matriz de São José, como informa Santos (2007).

No período de 1942 a 1970, de acordo com Silva (2014), quem contribuiu com a gestão do Grupo Escolar Urbano Santos foram as professoras: Francisca Gasparinha da Silva, Nely de Mesquita Moraes; Conceição de Maria Lima Nunes; Maria José Pinheiro Serra; Marise da Silva Lima Gomes; Hilda Parentes. Destarte, o devido ingresso na função de diretora era seguido por uma indicação político-partidária, permanecendo as diretoras no cargo enquanto essas articulações, na esfera estadual e municipal, assim estipulassem.

3 A FUNDAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO GRUPO ESCOLAR PADRE DELFINO

O Grupo Escolar Padre Delfino está localizado na zona urbana da cidade de Timon, limitando-se ao Norte com a Rua José Simões Pedreira, 311; ao Sul, com a Rua Gonçalves Dias; a leste, com a Rua Senador Furtado; e a Oeste, com a Rua Duque de Caxias. Nesse enquadramento, ocupava quase um quarteirão completo na região central da cidade, em meio às demais construções e às áreas verdes predominantes, reafirmando a sua identidade, diferenciando-se e acentuando o contraste com as demais construções ao seu redor.

Foi o segundo estabelecimento estadual de instrução pública a oferecer o ensino primário na cidade. Inicialmente, os grupos escolares eram escolas de ensino primário que, no decorrer de várias reformas educacionais instituídas ao longo das décadas, transformaram-se em escolas de ensino fundamental e médio.

O grupo escolar era denominado, igualmente, de *escola graduada*, porque reunia os alunos em turmas seriadas, compostas por vários discentes, de acordo com a idade, e acompanhados por um professor. Não havia uma idade ideal de aprendizagem, nem se pressupunha uma paridade entre os vários saberes escolares.

Apesar disso, a escola primária foi renovada, com novas finalidades e diferente concepção educacional e organização do ensino.

A escola graduada fundamentava-se, essencialmente, na classificação dos alunos pelo nível de conhecimento em agrupamentos supostamente homogêneos, implicando a constituição das classes. Pressupunha também, a adoção do ensino simultâneo, a racionalização curricular, controle e distribuição ordenada dos conteúdos e do tempo (graduação dos programas e estabelecimento de horários), a introdução de um sistema de avaliação, a divisão do trabalho docente e um edifício escolar compreendendo várias salas de aula e vários professores. O modelo colocava em correspondência a distribuição do espaço com os elementos da racionalização pedagógica – em cada sala de aula uma classe referente a uma série; para cada classe, um professor (SOUZA, 2006, p. 114, apud ALMEIDA, 2011, p. 32).

Com o surgimento do grupo escolar, iniciou-se a produção de uma nova cultura no âmbito da escola, que foi responsável por uma nova organização do trabalho educativo e pela distribuição interna do poder dentro da instituição. Assim, exigia-se uma rígida disciplina dos alunos: assiduidade, higiene, ordem e obediência.

Em visita ao arquivo pessoal de seu Quincas, localizou-se um número do Jornal Correio de Timon de 19 de outubro de 1957, que demonstra como tudo começa a sinalizar para as primeiras iniciativas que culminaram como o surgimento do Grupo Escolar Padre Delfino.

Figura 5 – Visita do Governador Matos Carvalho



Fonte: Jornal Correio de Timon (1957).

O jornal indica que houve uma comitiva do então Governador maranhense, Matos Carvalho, desembarcando na cidade vizinha, Teresina, devido ao fato de a cidade de Timon não possuir campo de aviação comercial, naquela época. Nessa passagem, o gestor representante do Maranhão foi recebido pelo então Governador do Piauí, General Jacob Gayoso e Almendra, e demais personalidades piauienses e timonenses. Depois, seguiram em passeata para a cidade de Timon, onde aquele foi congratulado pelo Cônego Pe. Delfino — em nome do povo e das autoridades

presentes –, que os levou até sua casa para um farto almoço. Os vários discursos eram todos respondidos pelo então Governador, que trouxe a grande surpresa aos cidadãos timonenses: eles seriam presenteados com um novo grupo escolar – só dependia do terreno para a construção, que ficou a cargo do prefeito, que faria a doação.

Na mesma ocasião, as professoras Maria do Carmo Neiva e Conceição de Maria Lima Nunes, que também participavam do evento, aproveitaram para sugerir o nome ao novo grupo escolar, homenageando então o vigário, Pe. Delfino da Silva Júnior, indicação que foi aceita pela maioria dos presentes, em uma demonstração de agradecimento pela atuação dispensada àquela cidade, enquanto sacerdote, educador cultural, político e fundador do primeiro jornal da região.

Figura 6 – Placa de inauguração Grupo Escolar Padre Delfino



Fonte: acervo pessoal da autora 2017

No percurso de desenvolvimento da pesquisa, identificou-se, naquela instituição, a placa de sua inauguração, ainda exposta na parede, datada de 1958, indicando que fora construída pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Legislação e Documentos (INEP), com o auxílio da Prefeitura, na gestão do Sr. Joaquim Martins Ferreira, Prefeito municipal.

Seguindo a homenagem ao Pe. Delfino da Silva Júnior, que morou por muitos anos no Maranhão, especificamente na cidade de Timon, dona Marize da Silva Lima Gomes, sua sobrinha,

testemunhou que ele foi homenageado porque representava bem a cidade, onde desempenhou bons trabalhos.

Padre Delfino da Silva Júnior era uma personalidade de muita influência na cidade, sacerdote marcante para os fiéis que trabalhava suas ações sociais e culturais em prol da comunidade timonense e arquidiocesana, sem desmerecer a origem de qualquer pessoa que o procurasse por ajuda, ele tentava da melhor maneira (Marize da Silva Lima Gomes, sua sobrinha).

Figura 7 - Pe. Delfino da Silva Júnior, ainda na juventude



Fonte: Disponível em: <<http://www.tiazu.com.br/fotos.html>>. Acesso em: 17/09/2017

O Pe. Delfino da Silva Júnior veio ao mundo em 11 de novembro de 1910, na cidade de Pedreiras, no Maranhão. Com a filiação de Delfino Ferreira da Silva e Maria de Jesus Bayma Gonçalves, tinha vários irmãos: Alderico Jefferson da Silva (1908-2005), Antônio Gaspar da Silva,

Arlindo Silva, José Delfino da Silva, Vicente Celestino da Silva, Jeferson Antônio da Silva e Maria das Mercês da Silva Lima (1912–2005).

Figura 8 – Pais do Pe. Delfino da Silva Júnior



Fonte: Disponível em: <<http://www.tiazu.com.br/fotos.html>>. Acesso em: 17/09/2017

O site Tia Zu, que disponibiliza as imagens ilustradas nas Figuras 7 e 8, foi produzido pela família, por iniciativa de Máiron e Máriton, filhos de Antônio Pereira Lima e Maria das Mercês da Silva Lima – Miroca. A família é oriunda de Pedreiras, Maranhão, onde residiu até meados de 1915. Seus descendentes estão espalhados por todo o Brasil e, provavelmente, nenhum deles vive hoje na cidade de origem.

Grande parte da família começou a crescer em Caxias, no Maranhão, quando Maria de Jesus Bayma Gonçalves, casada com Delfino Ferreira da Silva, deslocou-se para lá, a fim de morar. A família residiu na rua Olho d' Água, hoje Coronel Libânio Lobo. Dessa união, nasceram oito filhos, dos quais seis tiveram descendentes. Apenas Vicente Celestino e Pe. Delfino da Silva Junior não deixaram descendentes conhecidos.

Pe. Delfino inicia sua vida escolar no ensino primário na cidade de Caxias, Maranhão. No ginásio, ele já estava em São Luís, capital maranhense, onde estudou no Seminário Santo Antônio e cursou as disciplinas escolásticas filosofia e teologia, já intencionado seguir a vocação de sacerdote.

Figura 9 – Pe. Delfino da Silva Júnior e seus familiares

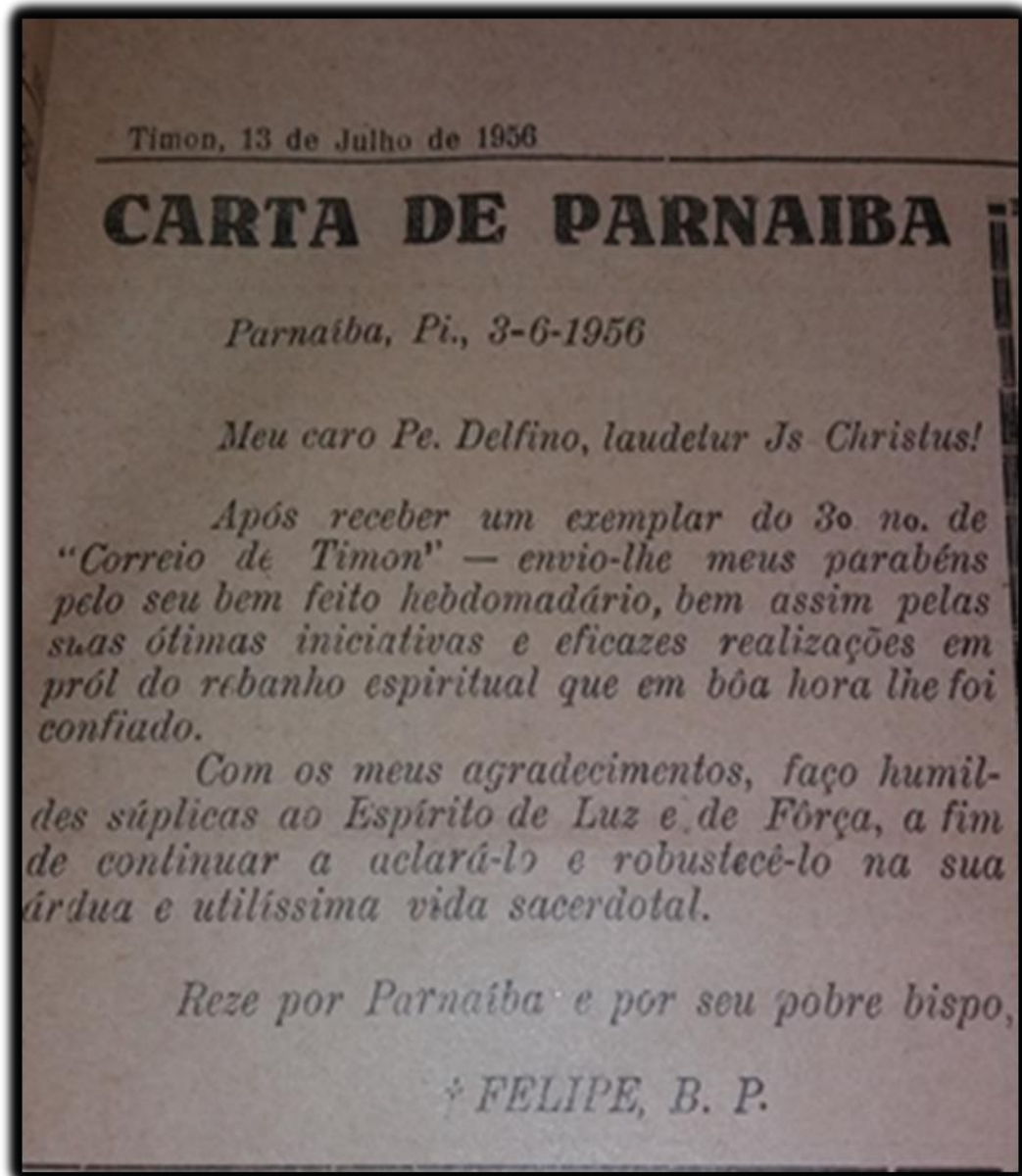


Fonte: Disponível em: <<http://www.tiazu.com.br/fotos.html>>. Acesso em: 17/09/2017

Ao longo dos anos na cidade de Timon, Pe. Delfino era uma das autoridades com grande aprovação social, pois ali executava um trabalho de qualidade. Além de vigário, foi educador e até jornalista, sendo o dono da primeira tipografia da cidade, onde ele mesmo produzia o Jornal Correio de Timon.

Entre as fontes desse estudo, havia uma carta, endereçada ao Pe. Delfino, datada de 13 de julho de 1956 e publicada no Jornal Correio de Timon, remetida pelo Bispo Felipe de Parnaíba, reafirmando sua admiração pela desenvoltura e pelo empenho daquele ao realizar suas atividades e, ainda, fazendo um pedido no sentido de que continuasse realizando seu brilhante trabalho na vida sacerdotal.

Figura 10 – Carta ao Pe. Delfino, no Jornal Correio de Timon



Fonte: Jornal Correio de Timon (1956).

De posse dessa carta, notou-se que foi um documento que objetivou alcançar um destinatário, estabelecendo uma comunicação, um desejo de reciprocidade e uma conversa à distância, resultando em uma troca, um envolvimento entre os correspondentes. Com isso, reforçava-se uma forma de manter viva a memória de alguém, como é o caso do Pe. Delfino.

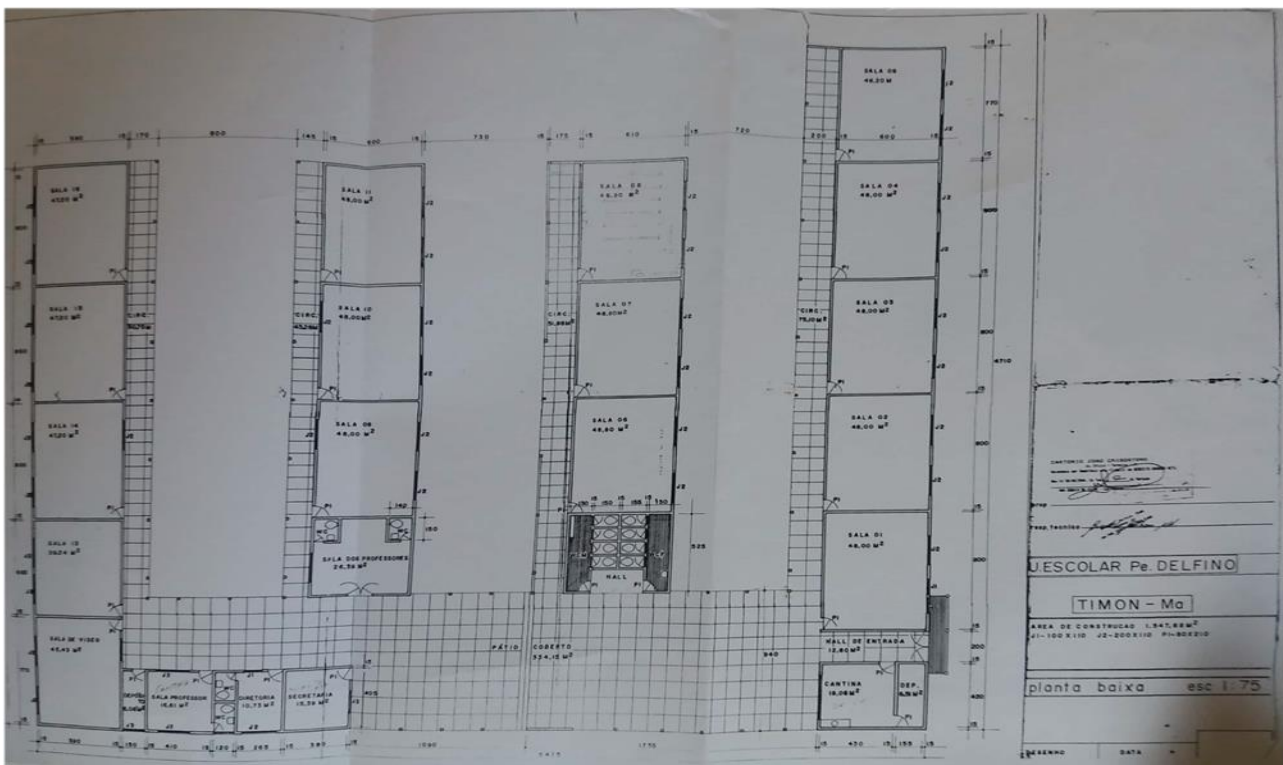
3.1 Espaço escolar

Atualmente, o prédio do grupo escolar está funcionando apenas no horário da noite, porque no diurno, estava ocupado pela escola Militar Tiradentes, que foi remanejada no mês de julho do corrente ano para outro estabelecimento, devido às estruturas físicas não comportarem tamanha demanda.

A arquitetura dos grupos escolares, para Bencostta (2005), representava, perante a sociedade, além de valorização da escola primária – satisfazendo um objetivo educativo fundamental da época, para o êxito da educação –, uma aspiração estética, símbolo de progresso e de realizações públicas.

Na busca por mais fontes, localizou-se uma planta registrada em 28 de agosto de 2000, no Cartório João Crisóstomo – 1º Ofício, situado na Rua Lizandro Nogueira, nº 1155 – Norte, Teresina – Piauí. O nome já não possui o termo Grupo Escolar, tornando-se Unidade Escolar Padre Delfino, com área de construção 1.547,68 m², cujo responsável técnico é o Engenheiro Civil Benedito Barbosa Neto, Cart. Prof. 1218-1, Reg, CREA 5.444, conforme Figura 11.

Figura 11 – Planta da Unidade Escolar Padre Delfino



Fonte: Grupo Escolar Padre Delfino (2000).

Pela averiguação da Figura, o espaço construído da escola conta com 16 salas de aula, divididas em três corredores; logo no *hall* de entrada, à direita, há cinco salas de aula; à esquerda, a secretaria; logo à frente, o pátio coberto, com a sala da diretoria frontal à entrada, seguida da cantina; na lateral, um corredor com os banheiros para os alunos, seguido de três salas de aula; o próximo corredor inicia-se com a sala dos professores, seguido de três salas; e o último corredor começa com a sala de vídeo, seguido de quatro salas de aula.

Nesse edifício, símbolo da modernidade, a forma e a relação entre volume e espaço vertem os significados originais e quebram a relação tradicional entre uma forma e uma função: o pátio pode ser auditório, por exemplo; o corredor pode tornar-se um pátio; e a porta entre dois ambientes pode deixar de existir para que atividades diferentes sejam incorporadas em um mesmo espaço. O corredor não é só para passagem, em silêncio; a sala de aula, apenas o espaço da contraposição do professor com aluno; em algumas obras arquitetônicas, tornam-se formas passíveis de serem lidas quando, por exemplo, o corredor pode servir, também, de lugar de encontro; o pátio responde bem a um concerto musical; e a sala de aula permite maior deslocamento de seus ocupantes (BUFFA, 2002).

De acordo com as entrevistas realizadas e o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, o grupo inicia de maneira pequena, perfazendo um total de apenas quatro salas de aulas, sem biblioteca, e um pequeno pátio para receber os alunos com seus uniformes limpos, bem passados, perfilados em filas para, então, rezar, cantar o hino, e só após esse ritual, as professoras levavam seus alunos para a sala de aula.

Conforme a ex-aluna Maria Dulce informa,

Na escola nessa época tinha uns padrões a exercer todos os alunos entravam em fila para o pátio; se posicionava em fila por série um atrás do outro, e as meninas de um lado e os meninos do outro, depois juntos rezávamos, e cantávamos o hino e a professora nos conduzia para sala de aula. Tudo isso acontecia todo dia (INFORMAÇÃO VERBAL, 2018).³

As salas de aula do antigo prédio do Grupo Escolar Professor Padre Delfino, conforme as entrevistas, eram em número de quatro, inicialmente, para as turmas do jardim de infância, e depois, uma para cada série do primário. Havia, também, duas salas pequenas que funcionava a sala da diretora, em frente ao pátio, e na outra a sala da secretaria escolar.

³ Maria Dulce. Entrevista.

As entrevistadas são unânimes em relatar que havia um pequeno pátio para a realização da acolhida dos alunos, para cantarem o hino e em seguida, rezarem. Esse era o espaço, inclusive, para o recreio e as atividades lúdicas. Quanto às instalações sanitárias, contava-se com dois banheiros. Nas salas de aula, encontravam-se armários com objetos didáticos, quadro negro com giz, e as carteiras enfileiradas receber os discentes.

Segundo a discente entrevistada, as carteiras eram individuais, para melhor desenvolver as atividades e por haver um número pequeno de alunos matriculados. Anos depois, com a demanda aumentando, as carteiras passaram a ser em duplas. Nessa organização, seguiam as carteiras duplas distribuídas em filas, com uma maestria impecável. Carteiras com mais de dois assentos não eram recomendadas, pois reunir mais de dois alunos em carteira era considerado atentar contra a disciplina. As salas de aula também acomodavam uma mesa para o docente com o próprio material, onde realizava as tarefas da profissão, corrigia os cadernos e ainda fiscalizava os alunos.

Observam-se aspectos da cultura escolar nos relatos de Julia (2001, p. 25):

cultura escolar não pode ser estudada sem o exame preciso das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas. A cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos.

Isso posto, e de acordo com leituras realizadas ao PPP de 2010 da escola, verifica-se que os trabalhos são iniciados com a equipe docente (vide Quadro 2), toda composta por integrantes normalistas. Nos escritos de Oliveira (2017, p. 4), apreende-se que

percorrer o século XX pelos caminhos da educação feminina, a formação das jovens professoras pelas escolas normais e a feminização do magistério, tendo como cenário o Brasil e tomando o estado de São Paulo como referência e considerando que a grande questão intelectual do século XXI continua sendo a emancipação humana pela via cultural, a defesa de meu ponto de vista se valerá de uma retrospectiva histórica. Essa retrospectiva está edificada em torno da educação das mulheres e da inserção feminina no magistério como resposta às demandas do projeto liberal republicano de universalizar a escolaridade, a força da religião na modelagem de corpos e almas e o discutível e controverso poder atribuído às mulheres no ambiente escolar, que teve sua gênese logo após a República em finais do século XIX e se solidificou nas décadas seguintes.

Vale ressaltar que a inserção feminina no magistério era uma destinação natural, em vista das qualidades de que as mulheres eram e são possuidoras, sendo capazes de promover uma

educação integral às crianças. Logo, as mulheres passaram a estar cada vez mais presentes na instituição normalista e a procuravam para obter conhecimentos, preparo para a vida no lar e também para ter uma profissão que lhes permitisse sobreviver com o seu próprio rendimento.

Quadro 2 – Equipe fundadora da instituição

NOME	FUNÇÃO
Maria do Perpétuo Socorro Ferreira Maranhão	Diretora
Maria José de Maranhão Carvalho	Professora
Juscelina Torres de Assunção Santos	Professora
Rosilda de Oliveira Costa	Professora
Teresinha de Jesus da Mata Oliveira	Professora
Francisca Reis	Professora

Fonte: elaborado pela autora (2017).

As mulheres passaram a constituir a maioria no exercício da profissão docente, enquanto os homens ocupam os postos superiores na hierarquia burocrática. Hoje, assiste-se à presença cada vez menor dos homens nesse cenário. O crescente desprestígio da profissão docente, sobretudo em decorrência dos baixos salários, explica grande parte do processo cada vez maior de evasão de professores e professoras, atingindo sobremaneira os docentes do sexo masculino.

Por cúmulo, Catani, Bueno e Sousa (1998) afirmam que nos últimos tempos, há um grande número de estudos ligados à profissão docente adotando a categoria gênero como uma possibilidade de enfatizar a voz e a condição das mulheres. Dessa forma, acabam por deixando de lado como os homens constroem as relações com o conhecimento, a escola, a leitura e a profissão.

Diante dessa realidade, no panorama histórico da escola, merece destaque a professora Teresinha de Jesus da Mata Oliveira, pela sua valorosa dedicação ao longo de vinte e seis anos à frente da direção da escola, de 1966 a 1992.

Para compor a direção da instituição após os vinte e seis anos de atuação da supracitada professora e diretora, foram vários os professores que prestaram serviços à instituição na função de diretores, como disposto no Quadro 3.

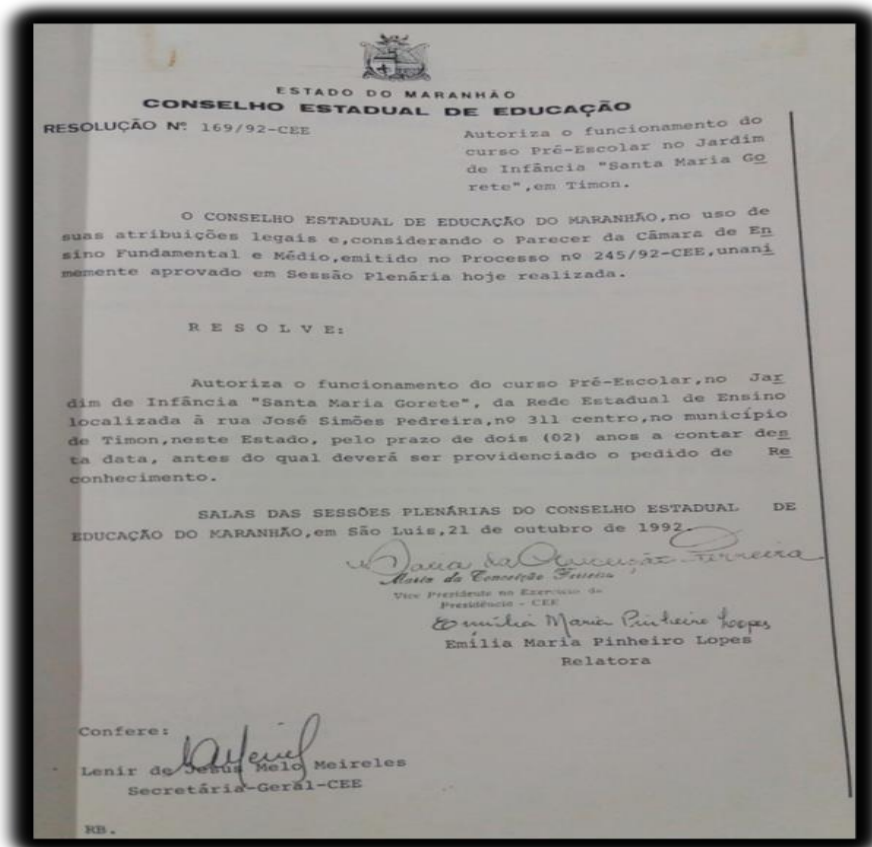
Quadro 3 – Diretores

DIRETORES	ANO
Maria do Socorro Brito Barbosa, Maria Aldenis Rios, Maria Alves de Jesus e Teones do Rego Silva	1992 a 2006
Maria Cinelândia Bezerra e Maria Eli Ribeiro Silva	2007 a 2008
Maria da Glória Araújo Silva (Diretora Titular), Maria Rita de Cássia Pedrosa Chaves (Diretora adjunta)	2009 a 2015
José Borges Filho (Diretor), Maria das Dores Silva Luceno (Vice-diretora)	2016

Fonte: elaborado pela autora (2017).

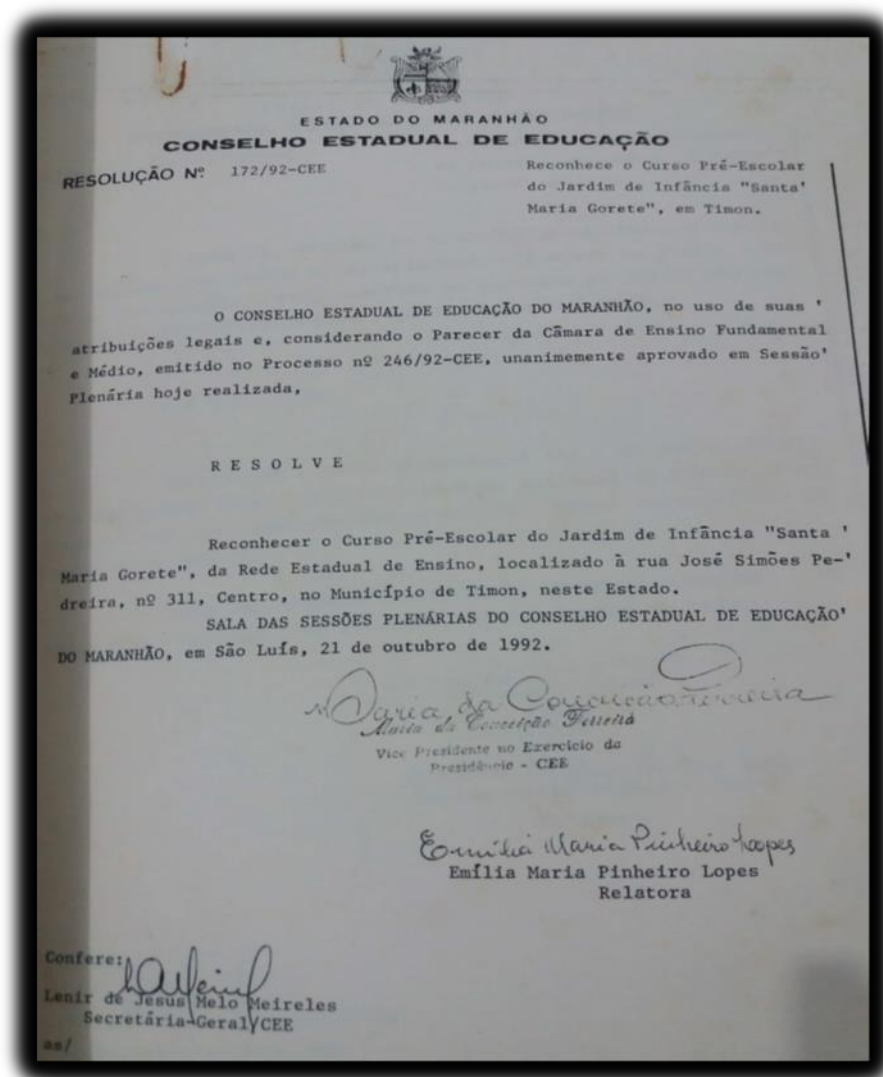
Nesse ínterim, foi criado o Curso Pré-escolar do Jardim de Infância Santa Maria Gorete, com autorização de funcionamento pela Resolução nº 169/92 – CEE, de 21/ de outubro de 1992 (vide Figura 12), posteriormente reconhecido pela Resolução nº 172/92 – CEE (Figura 13), de mesma data, ambas instituídas pelo Conselho Estadual de Educação do Estado do Maranhão.

Figura 12 - Autorização de Funcionamento do Curso Pré-Escolar Jardim de infância Santa Maria Gorete



Fonte: Grupo Escolar Padre Delfino (1992).

Figura 13 – Reconhecimento do Curso Pré-escolar do Jardim de Infância Santa Maria Gorete



Fonte: Grupo Escolar Padre Delfino (1992).

No entendimento de Cardoso e Costa (2014, p. 8), o Grupo Escolar criou o Jardim de Infância Santa Filomena, nos anos de 1962 a 1975, diplomando doze turmas de Doutores do ABC, onde desenvolvia a gestão e, ao mesmo tempo, o exercício da docência, Maria do Perpétuo Socorro Ferreira Maranhão.

Atenta-se que a diretora escolar foi a responsável pelo funcionamento pedagógico e administrativo, portanto, necessitava desses dois conhecimentos, pois desempenhava, predominantemente, a gestão geral da escola e, especificamente, as funções administrativas, e não possuía na parte pedagógica a figura dos coordenadores pedagógicos. Por conseguinte, a diretora

contava com um valor significativo na instituição, no sentido de fazer com que a escola fosse respeitada pela comunidade.

Para Libâneo et al. (2001, p. 76),

organizar é bem dispor elementos (coisas e pessoas), dentro de condições operativas (modos de fazer), que conduzem a fins determinados. Administrar é regular tudo isso, demarcando esferas de responsabilidade e níveis de autoridade nas pessoas congregadas, afim de que não se perca a coesão do trabalho e sua eficiência geral.

Na Figura 14, a seguir, observa-se um Livro de Ponto datado do dia primeiro de fevereiro de 1979, não se sabe o turno. Todavia, por ele se identifica a predominância de mulheres no quadro funcional, dada a organização da escola em deixar registrado a frequência de cada dia. Era um controle realizado manualmente, onde deveria estar anotada a hora de entrada e saída de cada colaborador.

Nesse contexto, a pessoa encarregada deveria checar, logo no começo do dia, se os espaços em branco que correspondiam, de fato, a ausências, para que eventuais equívocos fossem corrigidos. Era possível até retificar os dados retroativamente. Contudo, se feito o controle diário, ficaria mais fácil apresentar evidências de que a pessoa realmente chegou no horário. Então, a frequência deveria ser acompanhada diariamente, e eventuais alterações, ser anotadas a fim de evitar mal-entendidos.

Figura 14 – Livro de Ponto (1979)

HORA	ENTRADA	HORA	SAÍDA
	M ^{te} das Neves		10:30
	Luciênia de Souza Oliveira		11:30
	Ana Beatriz Lima e Silva		12:30
	Sandra Maria de Magalhães		10:30
	Maria de Lourdes da S. Jesus		11:30
	Osmunda Gomes de Costa		12:30
	Laura Sampaio de Araújo		10:30
	Maria Espedita da Silva		11:30
	Francisca Pariziano da Silva		12:30
	M ^{te} de Jesus Santana		10:30

Fonte: Grupo Escolar Padre Delfino (1979).

Relatos da secretária Helenita Oliveira Mota Assunção sobre essa questão dão conta de que

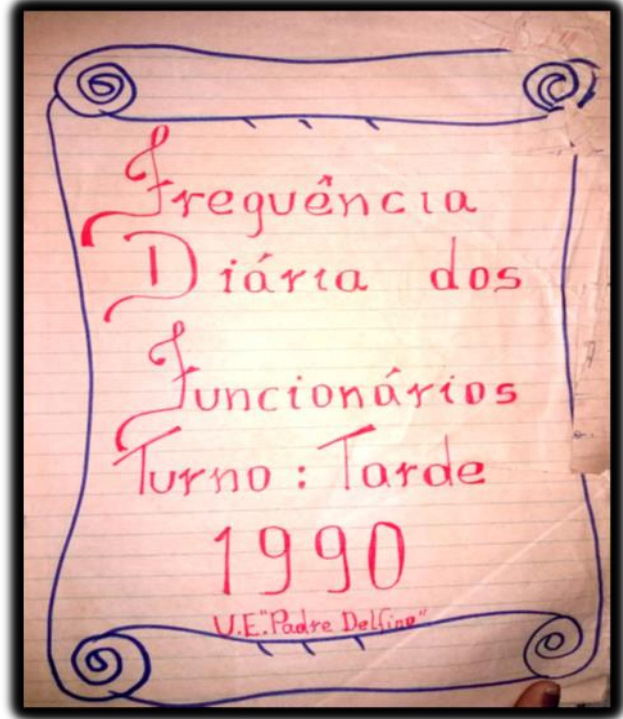
a frequência era através do livro de ponto os professores assinavam todos os dias. Era aquele livro tradicional mesmo assinavam o dia e aquele que faltava eu usava um carimbo para colocar faltou ou não compareceu, se o professor faltasse eu dava um tempo para ele repor aquela aula mas o carimbo ficava naquele dia. A diretora sempre me chamava cortar o ponto de quem faltou mas eu esperava até o final do mês para o professor fazer a reposição, aí eles davam aula no sábado para cobrir a falta (INFORMAÇÃO VERBAL, 2018).⁴

Naquela época, portanto, não havia relógio eletrônico ou mecânico, então o registro do horário de entrada e saída dos funcionários na escola era realizado pelo Livro de Ponto. A responsabilidade sobre o ponto estava a cargo da diretora da instituição, que era acompanhada assiduamente pela secretária Helenita Oliveira Mota Assunção, tendo em vista a necessidade de tomar alguns cuidados para evitar erros, afinal, a frequência anotada no documento estava diretamente relacionada ao pagamento mensal dos colaboradores.

Pela análise da figura, percebe-se que não houve um padrão na cor da caneta ao realizarem as assinaturas, uma vez que a primeira e a última assinatura estão escritas de vermelho; a segunda e antepenúltima, preta; e a demais todas, azul. Outro aspecto verificado é que não há registro dos horários de entrada e saída, levando a inúmeros questionamentos sobre essa ausência.

⁴ Helenita Oliveira Mota Assunção. Secretária. Entrevista.

Figura 15 – Frequência dos funcionários



Em - 05.03.90

01	Raquel Alves Pinheiro Brandão	
02	Rosina Maria Gonçalves de Brito	
03	Carmelita Pereira de nascimento	
04	Marlene Ferreira de Sousa Silveira	
05	Marcia Luiza do Rêgo da Silveira	
06	Maria do Carmo Oliveira de Sousa	
07	Maria do Socorro P. Uiana	
08	Jarmelene Ribeiro da Silva	
09	Juliana Andrade de Nascimento	
10	Francimaria dos Anjos Gomes	
11	Nesilda de Brito Aulic	
12	Maria Luiza da Costa Cunha	
13	José Francisco Alves de Sá	
14	Taciana Cristina Ferreira Silva	
15	Maria Odília Fojana da Silva	
16	Ana Louisa T. de Carvalho	
17	Conceição de Maria Gomes Ferreira	
18	M. de Socorro Gomes de Sá	
19	Maria de Lourdes da S. Ferreira	
20	Raimunda G. S. Silva	
21	Isabel M. Cayula de Almeida	
22	Emília Rimentel da Silva	
23	Conceição de Maria, Souza Araújo	
24	Helmida da Mata D. Mota	
25	Ena Pereira Santos	
26	Maria de Lourdes Costa Souza	
27	Conceição de M. S. Nascimento	
28	Antônia Maria da Costa Lima	

24	Katia Brandão de Carvalho	
30	Cecaldina F. da Silva	
31	Maira Roubel S. Botelho	
32	Gláucia Maria Ribeiro Silva	
33	Maria de Lourdes Mesquita Baires Pereira	
34	Maria das Graças de Sousa Souza	
35	Francine das Graças Leite Ferreira	
36		

Vit. Emplimmo

Fonte: Grupo Escolar Padre Delfino (1990).

No outro documento, já se nota uma evolução no processo de registro, organizados com informações relativas ao turno. No exemplo da Figura 15, o ano é 1990, mês de março, ainda com a predominância de mulheres no magistério, patenteada por meio da ampliação do número de funcionárias no registro do ponto da escola. Nesse caso, há uma harmonia na cor das assinaturas, todas de azul. Por outro lado, o número de funcionárias já é triplicado, e a escola, conseqüentemente, conta com um número de turmas mais elevado.

Por volta da década de 1980, a escola iniciou um trabalho com alunos especiais, considerados de níveis elevados de dificuldades. A turma funcionava no Urbano Santos, e por falta de professores, foi transferida para o Colégio Padre Delfino.

A entrevistada, professora Leda Maria Moraes Alves, foi docente por muitos anos na classe de educação especial, e ao fim da carreira, foi nomeada como Coordenadora da Educação Especial em Timon, pela SEDUC-MA, onde prestou uma relevante contribuição à educação. Segundo ela, “inclusive a educação especial era do Colégio Urbano Santos, quando começou, depois levaram para o Colégio Padre Delfino, chegando na escola sob a orientação das professoras Francinete, Da Paz, Íris, Ana Lúcia, e já tinha a Gracinha também.” (2018).⁵

Com essa turma de alunos, eram desenvolvidas atividades complementares e diferenciadas, na tentativa de desenvolvê-los e torná-los aptos a prosseguirem seus estudos em classes regulares, inclusão que só viria acontecer em 2010.

As classes especiais possuíam, em média, de 10 a 15 alunos, e a faixa etária era deveras heterogênea, variando de 7 a 16 anos, como se pode averiguar nas Figuras 16 e 17. Em ambas, observa-se a existência de classes mistas, fator considerável na educação para a diversidade e na cultura escolar.

A existência de salas para alunos com necessidades educacionais especiais, integrando-os ao espaço educativo, representa um significativo progresso para a educação, como também a formação de turmas mistas.

⁵ Leda Maria Moraes Alves. Professora. Entrevista.

Figura 16 – Educação Especial (1990)



Fonte: arquivo pessoal da Prof.^a Maria Gorete Feitosa Gonçalves década de 90

A partir de 1961, com a LDB nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, o atendimento a pessoas com necessidades educacionais especiais, preferencialmente inseridas no sistema regular de ensino, passou a ser fundamentado em lei.

Por conseguinte, a pessoa com necessidades educacionais especiais deveria ser atendida no mesmo ambiente que os demais alunos, em classes regulares de ensino. Na prática, os alunos com necessidades educacionais especiais eram atendidos em escolas regulares, porém em classes especiais, sendo, mediante avaliação específica, encaminhados às classes comuns.

Em 1988, a Constituição Federal regulamentou ser dever do Estado oferecer atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. Com a atual LDB, é atribuído aos sistemas de ensino o dever de assegurar currículos, métodos, técnicas, recursos educacionais e organização específicos para atender à necessidade dos alunos.

Não obstante, o número de matrículas de alunos com necessidades educacionais especiais em classes comuns ainda era ínfimo, pois as escolas não eram obrigadas a garantir vagas a essas crianças.

Figura 17 – Alunos na sala especial (1990)



Fonte: arquivo pessoal da Prof.^a Maria Gorete Feitosa Gonçalves década de 1990

Com a regulamentação da Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, em 1999, obrigou-se a aceitação de matrículas de crianças com necessidades educacionais especiais pelas escolas, tornando crime a recusa desse direito.

A educação especial adquiriu, portanto, caráter transversal, podendo ser oferecida, exclusivamente, de forma complementar, no contraturno, quando a educação das escolas comuns não satisfizesse as necessidades educativas ou sociais do aluno. Com isso, o número de matrículas de alunos com necessidades educacionais especiais para as classes regulares de ensino apresentou crescimento.

Conforme Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008, atualmente, todas as crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devem estudar na escola regular, e as escolas teriam até o fim de 2010 para se adequarem.

Assim, as turmas com necessidades educacionais especiais permaneceram até 2010, quando houve uma reestruturação na organização do ensino, devido à sua municipalização, e após este ano, as classes especiais deixam de existir na escola, dando origem à sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), que recebe o aluno no contraturno duas vezes na semana para desenvolver suas habilidades.

Por muitos anos, a educação especial esteve dissociada da educação regular, sendo realizada em escolas especializadas ou em classes especiais, cuja composição das turmas de alunos era específica para cada necessidade educacional especial. É oportuno ressaltar que algumas famílias resistiam em matricular seus filhos, privando-os de educação e do convívio social.

No ano de 2016, período de recorte final da pesquisa, o prédio do grupo escolar passa a abrigar o Colégio Militar Tiradentes V, o Colégio Militar da cidade de Timon, onde a comunidade recebe com entusiasmo e há uma procura significativa nas matrículas, pois segundo os alunos, a escola tem disciplina e não há faltas de professores.

As Figuras 18, 19 e 20 representam esse momento.

Figura 18 – Colégio Militar (2016)



Fonte: arquivo da Escola Militar

Figura 19 – Revista dos alunos



Fonte: arquivo da Escola Militar

Figura 20 – Alunos em frente à entrada da Escola Padre Delfino (2016)



Fonte: arquivo da Escola Militar (ano).

3.2 Professoras

Todos os funcionários de uma instituição escolar são importantes, sendo que a relação professor-aluno torna-se determinante para o processo educacional, para a construção da história escolar e de vida do aluno, pois é, também, nessas relações que o aluno constrói sua subjetividade e o professor é o que está mais diretamente ligado a ele.

A característica marcante no quadro de docentes, inicialmente, é que todas são do sexo feminino, eram pessoas vistas como profissionais respeitados e tratadas como celebridades, além do prestígio que tinham no meio social, diferente da realidade de hoje.

Para a professora Teresinha de Jesus da Mata Oliveira, que também atuou como diretora, perfazendo uma longa administração ininterrupta por vinte e seis anos,

foram gloriosos esses inesquecíveis anos para minha vida, trabalhava com amor, era reconhecida por toda comunidade escolar, os pais a sociedade por inteiro e até a SEDUC-MA fazia elogios pela administração que fiz a frente do grupo escolar até eu sair para aposentar, minha vida era toda na escola gostava daquele espaço foi onde fiz minhas melhores amizades (2018).⁶

Então, a primeira Diretora do Grupo Escolar foi Maria do Perpetuo Socorro Ferreira Maranhão, conhecida como Socorro Maranhão, que dedicou longos anos de sua vida à escola. Não casou e nem teve filhos, e faleceu com mais de oitenta e cinco anos.

Figura 21 – Professora Maria do Perpetuo Socorro Ferreira Maranhão



Fonte: acervo pessoal da professora Maria do Perpetuo Socorro Ferreira Maranhão

⁶ Teresinha de Jesus da Mata Oliveira. Professora e Diretora. Entrevista.

Figura 22 – Professoras Maria do Perpetuo Socorro Ferreira Maranhão e Iracy Barros Moreira



Fonte: acervo pessoal da professora Maria do Perpetuo Socorro Ferreira Maranhão

As Figuras 21 e 22 pertencem a um álbum próprio de Socorro, que faleceu e o deixou com uma senhora que cuidava de sua casa. O acesso a essa fonte deu-se por meio da Prof.^a Dr.^a Odaleia, que já havia realizado um trabalho sobre o Jardim de Infância.

A Figura 21 está representada pela professora Maria do Perpetuo Socorro Ferreira Maranhão na juventude, e a Figura 22 ilustra uma comemoração simples pela passagem de seus oitenta e quatro anos, onde se visualiza a professora Maria do Perpetuo Socorro Ferreira Maranhão, de vestido azul, com mangas curtas, em sua residência, ladeada pela professora Iracy Barros Moreira, uma grande amiga, também de vestido, sem mangas.

Figura 23 – Professora Iracy Barros Moreira



Fonte: acervo pessoal da professora Iracy Barros Moreira (ano).

Em conformidade com a professora Iracy Barros Tourinho, na época em que trabalhava na escola, atualmente prefere utilizar o sobrenome dela, com o nome Iracy Barros Moreira, após um processo de divórcio.

Ela informa que o Jardim de Infância teve seu momento efervescente em São Luís:

aquele grupo escolar fez nome em São Luís por causa daquele Jardim da Infância teve relevância na capital, apareceu em São Luís, no primeiro ano eu matriculei quarenta e cinco, fazia a propaganda boca a boca, pedia aos pais ajuda, e era correspondida tudo que eu planejava fazia com amor e dava certo (INFORMAÇÃO VERBAL, 2018).⁷

⁷ Iracy Barros Moreira. Professora. Entrevista.

A assertiva da docente expressa um sentimento pela escola, por tê-la visto como uma instituição que teve um grande espaço de desenvolvimento e reconhecimento pela comunidade, que era atendida com ótimos trabalhos, até mesmo pela SEDUC.

Na Figura 23, avista-se a professora Iracy Barros Moreira aos 22 anos idade. Segundo ela, nessa foto, estava vivenciando uma vasta experiência em sua vida profissional e pessoal, desenvolvendo sua prática pedagógica na escola agrícola no município de Cururupu, no Maranhão, Colônia Japonesa, onde passou seus melhores anos.

Figura 24 – Certificado de aperfeiçoamento



Fonte: acervo pessoal da professora Iracy Barros Moreira

A professora era compromissada com sua atividade docente, que procurava desempenhar da melhor maneira possível, sendo muito dinâmica e criativa. Ao longo dos doze anos em que exerceu a docência no Jardim de Infância, participou de alguns cursos, a exemplo do exposto na Figura 24, acima, certificado de curso realizado na cidade de Timon. Para ela, a educação no Estado era outra: o professor era valorizado.

As instituições escolares, de modo geral, tornaram-se ricos lugares de memórias, pelas fontes possíveis de serem encontradas em seus acervos e por sua cultura material e imaterial, que usados numa perspectiva pedagógica, ganham significados. (GATTI, 2002, p. 35).

Com base nisso, o acervo pessoal da professora Iracy dispõe de fotos de algumas placas de formatura que, na verdade, na época, eram quadros produzidos por ela mesma, com cartolina e emoldurados, visando a perpetuar aquele momento tão solene da primeira formatura de seus alunos.

Em seu relato, a professora Maria Gorete Feitosa Gonçalves confirma que

ao longo de toda nossa trajetória escolar, temos a oportunidade de realizar diversas formaturas. Existem as formaturas de: Educação Infantil, Ensino Fundamental - término da oitava série ou nono ano, Ensino Médio - término do terceiro ano do ensino médio, e depois a de profissional, na faculdade. Com a Educação infantil não seria diferente, pois é o início de uma longa jornada escolar. Um começo muito dinâmico e feliz, que consideram as particularidades do mundo infantil e preveem um planejamento coerente com o que sabemos sobre a criança, seus saberes e suas necessidades de aprendizagem (INFORMAÇÃO VERBAL, 2018).⁸

Figura 25 – Colação de grau do Jardim de Infância Santa Filomena, no Grupo Escolar Padre Delfino



Fonte: arquivo pessoal do da professora Socorro Maranhão década de 60

Cada uma dessas placas representa o término de uma etapa de vida e início de uma nova fase, repleta de aprendizados e novas experiências, entre outras coisas. A educação infantil era a primeira formatura de todas, onde o aluno, geralmente, estava com seis ou sete anos de idade, e era

⁸ Maria Gorete Feitosa Gonçalves. Professora. Entrevista.

realizada quando ele passava pelas séries iniciais, antes de iniciar a primeira série do ensino fundamental, portanto, era realizada no jardim. A Figura 25 representa esse momento tão esperado pelas famílias: ver seus filhos na primeira formatura de suas vidas, a do ABC.

Figura 26 – Colação de grau do Jardim de Infância Santa Filomena, no Grupo Escolar Padre Delfino (Juramento da Turma)



Fonte: arquivo pessoal do da professora Socorro Maranhão década de 60

A Figura 26 denota, portanto, que a formatura é o ápice de um dos momentos mais importantes da vida de um estudante, se não o mais importante. Isso porque não se tem uma formatura todo dia. Ela representa o fim de um ciclo, uma conquista.

Não podemos reduzir as festas escolares a momentos de confraternizações, descontração e alegria, e sim compreende-las, como momentos especiais, de integração, de exaltação de costumes. Ou seja, as festas eram ocasiões propícias para a difusão de conhecimentos, normas e valores legitimados pela escola, pela sociedade e governantes, sendo compostas por normas e práticas com objetivos específicos (SILVA, 2009).

Nessa pesquisa, recebeu-se com surpresa a tamanha organização da professora Iracy, que até hoje guarda fotos de algumas placas de formatura⁹ dos concludentes do Jardim de Infância Santa

⁹ Na verdade, segundo a própria docente, era um cartaz produzido pela professora Iracy Barros, com cartolina e emoldurado, tornando-se um quadro. A diretora Maria do Socorro Ferreira Maranhão o levava para fazer a moldura.

Filomena, momentos que eternizaram a cultura escolar e foram eternizados por meio da nobre recordação da docente, que os guarda e lembra com orgulho dessa conquista por toda a sua vida.

As fotografias escolares estão impregnadas de vestígios da cultura escolar. Elas retratam um conjunto de aspectos que caracterizam a escola como instituição, construídos socialmente pelos sujeitos na interação uns com os outros no âmbito da escola, constituindo a cultura escolar. Cada instituição de ensino possui a cultura escolar própria e em cada contexto da história a imagem fotográfica apresenta uma cultura contemporânea, atribuindo à cultura escolar um caráter histórico. Portanto, é esse caráter histórico da cultura escolar que é revelado pelas fotografias escolares” (ALMEIDA, 2011, p. 65).

Figura 27 – Placa da 1ª Turma (1962)



Fonte: acervo pessoal da professora Iracy Barros Moreira

Nessa placa, de formato retangular, com uma figura central representada por um livro aberto, designava o nome da turma, em homenagem ao Dr. Eloy Coelho. alé, disso, fotos de autoridades, ocupantes de cargos públicos da época e as professoras. Na turma, havia vinte e quatro concluintes, dos quais se entrevistou Maria Dulce.

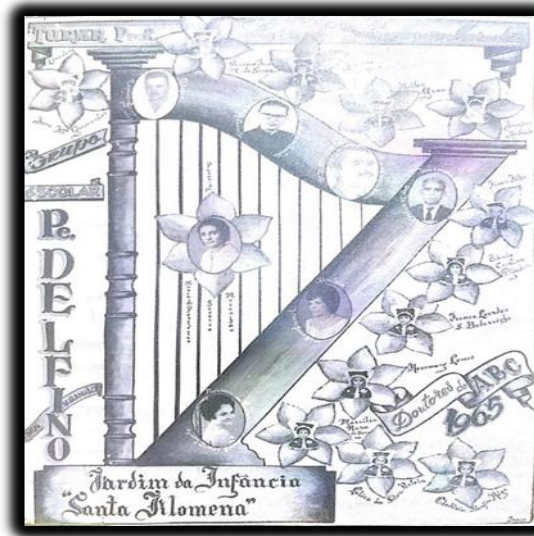
Figura 28 – Placa da turma (1963)



Fonte: arquivo pessoal da professora Socorro Maranhão

A Figura 28, apresenta má qualidade na imagem devido à falta de conservação ao longo do tempo. Apesar disso, é visível que nove alunos concluíram a turma do Jardim de Infância. A placa não registra homenageado com o nome da turma.

Figura 29 – Placa da turma (1965)



Fonte: acervo pessoal da professora Iracy Barros Moreira

No ano de 1965, a placa registrava a figura da professora Iracy compondo o quadro docente e produzindo a placa, que vinha agora com o desenho de uma harpa e flores destacando cada formando. A turma leva o nome da professora e gestora da época, Maria do Perpetuo Socorro Maranhão, e dos doze doutores do ABC que compunham a turma.

Vale dizer que a professora Iracy Barros Moreira escolhia os desenhos para compor os quadros de forma aleatória, porque gostava muito de desenhar e, de acordo com o depoimento, fazia tudo com capricho, tornando o *layout* da placa arrojado.

Figura 30 – Placa da turma (1966)



Fonte: acervo pessoal da professora Iracy Barros Moreira

No ano de 1966, foi utilizada uma placa maior, homenageando a professora Iracy Barros Tourinho como nome da turma. Assim, a então Diretora, Maria do Perpetuo Socorro Maranhão, havia sugerido o desenho voltado para a Sagrada Família, a fim de demonstrar a importância que ela tem na vida escolar dos alunos, desde a sua infância. Naquele ano, o número de alunos aumentou a sua quantidade de doutores do ABC para onze.

Figura 31 – Placa da turma (1970)



Fonte: acervo pessoal da professora Iracy Barros Moreira

Na Figura 31, verifica-se uma nova mudança no *layout* da placa. Nela, os doutores do ABC já apareciam em maior quantidade – exatamente trinta alunos. A turma leva o nome Salomão Xavier, com três professoras e a diretora. Ao centro, destaque para a oradora da turma, Vânia Maria e Costa.

Figura 32 – Placa da turma (1971)



Fonte: acervo pessoal da professora Iracy Barros Moreira

Essa placa já com um glamour do capelo usado para cerimônia de formatura sem nenhum homenageado com o nome da turma e com vinte e seis doutores do ABC, e as três professoras da instituição.

Figura 33 – Placa da turma (1972)



Fonte: acervo pessoal da professora Iracy Barros Moreira

No ano de 1972, a professora Iracy homenageia com o nome da turma a senhora Maria das Graças Bringel, uma das mães de aluno da escola, que a ajudava muito, quando solicitada, tanto

para auxiliar a atividade docente quanto para o bom acompanhamento de seus filhos. Além disso, ela também era personalidade da sociedade timonense. Foram vinte e três concludentes nesse ano.

No Grupo Escolar Padre Delfino, a religião católica sempre foi marcante, devido ao trabalho desenvolvido pelo Cônego Pe. Delfino. O povo da cidade era muito católico e, assim, os professores da escola, em sua maioria, seguiam a religião e ensinavam aos alunos os preceitos do catolicismo.

A religiosidade era muito acentuada e a obediência às autoridades religiosas, igualmente. Inclusive, a professora Iracy relata que fazia bastante oração com os alunos, e até destinava um horário para aquele momento de oração com a turma.

a gente fazia nosso planejamento por conta levava para casa. Mas eu gostava de fazer para mim por exemplo um horário para minhas orações cada dia em sala de aula com meus alunos, para mostrar aos alunos uma orientação religiosa e para aquelas crianças serem mais atenciosas a religião (INFORMAÇÃO VERBAL, 2018).¹⁰

A Primeira Comunhão, também conhecida como Primeira Eucaristia, é uma festa religiosa celebrada por cristãos católicos onde a criança recebe, pela primeira, vez o “corpo e o sangue de Cristo”, na forma de pão e vinho. A Primeira Comunhão, naquela época, era fundamental para a formação religiosa da criança.

Na cidade, naquele período, havia uma preocupação das bases familiar, escolar e comunitária em trabalhar essas crianças para que no futuro, evitassem uma série de problemas sociais. Para tanto, afastava-se as crianças das más companhias, auxiliava-se a formação de um bom cristão e, conseqüentemente, de um bom cidadão.

As fontes iconográficas alusivas à Primeira Comunhão, encontradas no acervo particular da ex-diretora do Grupo Escolar Padre Delfino, Maria do Perpetuo Socorro Maranhão, permitem deduzir que realmente, a escola e a Igreja Católica, representada na pessoa do Pe. Delfino, tinham a preocupação de orientar os futuros cidadãos timonenses em relação à religião.

Na Figura 34, a imagem demonstra um número considerável de meninas, aliás, bem maior que os meninos. Todas elas estão usando uma bata, enquanto os meninos, em minoria, estão de bermudas e outros de calças, compondo o *look* todo branco.

¹⁰ Iracy Barros Moreira. Professora. Entrevista.

Figura 34 – Evento de Primeira Eucaristia do Grupo Escolar na Igreja Matriz de São José, com o Pe. Delfino



Fonte: arquivo pessoal da professora Socorro Maranhão

3.3 Boletim escolar, ficha de matrícula de aluno

Na presente subseção refletir-se-á sobre a cultura escolar nesse momento, apresenta-se como instrumento para compreender a instituição escolar. A propósito, Souza (2005, p. 3) reputa

a cultura escolar como um ponto de chegada, entendendo que a pesquisa se ancorando substancialmente na criação de oportunidades para discussões coletivas possibilita, além da crítica, o acompanhamento da evolução dos trabalhos artesanais e individuais em compreensões de maior alcance.

Nesse diapasão, o boletim escolar é um aliado para que a família acompanhe e seja informada sobre o cuidadoso registro da vida escolar de seu filho, consistindo em um instrumento de comunicação tradicionalmente adotado até os dias atuais pelas escolas.

A partir dos dados nele contidos, pode-se ter um diagnóstico da vida escolar do aluno, permitindo acompanhar os resultados e orientá-lo no processo de ensino e aprendizagem.

Os boletins, históricos escolares e fichas de matrículas também são documentos históricos que podem revelar costumes, valores e normas da educação dos estudantes de determinada época. Eram preenchidos à mão, à caneta, com letra escrita com esmero, e não podiam ter rasuras. Tinham a assinatura do professor e do diretor da escola. Há décadas, vêm sendo um aliado importante na avaliação do desempenho escolar.

Eles permitem uma análise mais objetiva das competências ministradas pela escola, sendo uma ferramenta salutar tanto para o aluno quanto para seus familiares e a própria escola. Embora, atualmente, haja diversos outros recursos estatísticos que permitam a avaliação integrada dos estudantes, utilizá-los em conjunto com o boletim escolar ainda é uma maneira de elaborar diagnósticos mais precisos sobre o trabalho desenvolvido pelo professor, a aprendizagem, desempenho dos alunos evidenciados através das notas das disciplinas, registros de frequências e ausências e aspectos atitudinais, representam portanto importantes instrumentos de acompanhamento do trabalho escolar, em uma perspectiva limitada para a instituição.

De acordo com a secretária Helenita, popularmente conhecida como Lilita por toda a escola, que atestou que ela realizava seu trabalho com dedicação,

no tempo que eu cheguei não tinha computador na escola tudo era manual, era boletim que tinha que preencher, ficha individual do aluno, as transferências, como eu não dava conta de fazer tanto serviço eu levava para fazer em casa à noite, passava a noite para dar conta do meu trabalho, tinha os certificados eram muitos alunos matriculados quando eu cheguei lá a escola só tinha dois blocos no total com 8 salas (INFORMAÇÃO VERBAL, 2018).¹¹

¹¹ Helenita. Secretária. Entrevista.

Figura 35 – Boletim escolar de notas e frequência (1980)

Assinatura do Pai ou Responsável

1.º Bimestre _____
 2.º Bimestre _____
 3.º Bimestre _____
 4.º Bimestre _____

ESTADO DO MARANHÃO
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
 PROJETO REFORMULAÇÃO DE CURRÍCULOS
 SUB-PROJETO ACA

BOLETIM ESCOLAR (I)

Nome da Escola Padre Delfino
 Nome do Aluno Maícca Pires Estima

ESCALA DE CONCEITOS	
MB — Muito Bom	100 - 81
B — Bom	80 - 61
R — Regular	60 - 41
F — Fraco	40 - 21
I — Insuficiente	20 - 0

Unidade Escolar " Padre Delfino "
 Turno Matutino
 Timon - Maranhão

Série 4.º
 Turma "B"
 Turno matutino
 Ano 1980

ASPECTOS	B I M E S T R E S				CONCEITO FINAL
	1.º	2.º	3.º	4.º	
I - FORMATIVOS					
1. Hábitos Higiênicos	B	B	B	R	R
2. Comportamento Social	R	R	R	B	R
3. Iniciativa	R	R	B	B	R
4. Criatividade	R	B	B	B	R
5. Senso Econômico	B	B	R	R	R
II - INFORMATIVOS					
1. Comunicação e Expressão	B	R	R	B	R
2. Iniciação às Ciências	R	R	R	R	R
. Matemática	F	R	R	R	R
. Ciências Físicas e Biológicas	-	-	-	-	-
3. Integração Social	R	R	R	B	R
4. Ensino Religioso					
III - FREQUÊNCIA / FALTAS					
1. Aulas	38/ -	33/ -	56/ -	44/ -	
2. Sessões de Educação Física					
SITUAÇÃO FINAL	<input checked="" type="checkbox"/> APROVADO <input type="checkbox"/> REPROVADO				Mod. 2

Fonte: Grupo Escolar Padre Delfino

Por esse documento, infere-se que a escola já possui o nome de Unidade Escolar Padre Delfino. Nele, verifica-se o desempenho da estudante matriculada na 4ª série, turma B, turno matutino, no ano de 1980. Ele contempla uma escala de conceitos, com seus respectivos valores quantitativos, que foram distribuídos por bimestres. Assim, veem-se valores quantitativos, respectivamente, aos conceitos: MB – Muito Bom, de 100-81; B- Bom, de 80-61; R- Regular, de 60-41; F- Fraco, de 40-21; I- Insuficiente, de 20-0.

Ademais, demonstra as disciplinas cursadas nos Aspectos Formativos: Hábitos Higiênicos; Comportamento Social; Iniciativa; Criatividade; Senso Econômico; Aspectos Informativos: 1. Comunicação e Expressão; 2. Iniciação às Ciências; 2.1. Matemática; 2.2. Ciências Físicas e Biológicas; 3. Integração Social; 4. Ensino Religioso – está chamando atenção por ser a única disciplina sem possuir conceito, talvez por essa série não mais contemplá-lo.

Além disso, nota-se toda a frequência de cada bimestre. Assim, concebem-se os padrões de desempenho relativos à educação aplicada pelo Estado e o registro de índices de aproveitamento dos estudantes a partir de uma política educacional vigente.

É relevante sobrelevar que as fontes, enquanto documentos ou resquícios materiais elaborados no passado, sejam esses remotos ou mais ligados ao tempo presente, não são direcionados ao historiador, mas visam a atender às necessidades específicas do momento no qual foram produzidos (SILVA, 2011).


Compreende-se, portanto, que os documentos, resquícios materiais e fragmentos que marcam uma época, um momento, estão imbuídos pelo seu tempo e são utilizados pelos historiadores para contribuir com a formulação de conhecimentos sobre um dado objeto, nesse caso, do Grupo Escolar Padre Delfino.

Figura 36 – Ficha de matrícula de aluno

ESTADO DO MARANHÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ENSINO DO 1.º GRÁU

FICHA DE MATRÍCULA



Nome do Aluno Garcia Regina Sousa Karais
 Data de Nascimento 14 de fevereiro de 1967 Sexo fem
 Certidão N.º 135 Naturalidade Carolina Estado Pernambuco
 Escola Procedente a mesma Localidade Cimarrão

Nome do Pai Caldemir Karais da Silva Profissão Bancário
 Nacionalidade Brasileiro Instrução Quarta Religião Católica
 Nome da Mãe Carla Bernardete Silveira Profissão Secretária
 Nacionalidade Brasileira Instrução Quarta Religião Católica
 N.º de Irmãos três Nesta Escola 1
 Responsável Carla Bernardete Sousa Karais
 Endereço Ruinda Getúlio Vargas 205

Grupo Escolar: Escola Municipal - Povoado
 Endereço: Rua José Gomes de Sousa 211
 Cidade: Cimarrão - PA

ANOTAÇÕES :

Cursou Jardim de Infância? sim não Duração _____
 Vacinado contra { Varíola? Sim Coqueluche? Sim Difteria? Sim
 Tétano? Sim Poliomielite? Sim Tifo? Sim

VIDA ESCOLAR	IDADE	Ano de Escolaridade	SÉRIE	Avaliação do Ano Anterior	AVALIAÇÃO (Conceito)												Conceito Final
					Janero	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Nov.	Dezembro	
					1973	05	1	1ª	90	-	-	-	90	100	80	-	
1974	06	1	1ª	90	-	-	-	90	90	95	-	90	90	80	95	-	95
1975	07	2	2ª	75	-	-	75	80	70	70	-	75	70	80	75	-	75
1976	08	3	3ª	75	-	-	80	80	80	80	-	77	70	65	75	-	77
1977	09	4	4ª	77	-	-	75	-	75	-	-	75	-	75	-	-	75
19																	
19																	
19																	

Observações: _____

COMPROMISSO: Comprometo-me a atender as solicitações e participar das atividades promovidas por este Estabelecimento.

Assinatura do Pai ou Responsável: _____ / _____ / Maria Benedita Sousa Moraes

Unidade Escolar "Padre Delfino"
Turno Matutino
Rua - Maranhão

_____ / _____ / _____
_____ / _____ / _____
_____ / _____ / _____
_____ / _____ / _____

Fonte: Grupo Escolar Padre Delfino

No arquivo da instituição, foram encontradas algumas fichas da vida escolar do alunado, documentos utilizados pelo estabelecimento escolar para registrar dados relevantes à escola sobre os discentes. Geralmente, são estruturados de forma padronizada pela própria instituição de ensino ou por órgão responsável, e devem ser preenchidos por cada escola.

Vale ressaltar que as fichas e os vestígios materiais dos estudantes, já citados, nesse estudo, foram encontrados em estado desgastado no arquivo do Grupo Escolar Padre Delfino. Essas fichas estão organizadas em uma pasta, coletivamente, sendo delimitadas para compor toda a documentação concernente à vida escolar dos discentes.

Em seus escritos, Silva (2011, p. 8), aduz que as fichas de matrículas têm a finalidade de

além de reunir toda informação e dado dos discentes separadamente, servi, posteriormente, para elaboração de documentos escolares, como: históricos escolares, declarações, entre outros. Também são úteis para relevantes informações estatísticas, considerando que no momento, meados do século XX, os avanços tecnológicos e a informatização ainda não compunham o cenário educacional de catalogação de dados. Para a história da educação, esses documentos podem ser materiais valiosíssimos, principalmente para história de instituição escolar, lembrando que esse “principalmente” diz respeito ao foco dado ao uso dessa fonte, o que significa que não estamos deixando de fora a utilização desse documento para estudos que focalizam gênero, as reformas educacionais, a cultura escolar, a cultura material escolar, entre outros. Enfatizamos para o estudo de instituições escolares porque são documentos dos próprios estabelecimentos de ensino.

Como se observa nas imagens até aqui apresentadas, essas fichas do estudante contemplam dados pessoais, a exemplo de: origem, filiação, cidade natal, vida estudantil anterior, frequência escolar, notas mensais. Outrossim, há um enriquecido material que acompanha essas fichas, no caso dessa encontrada, mostram-se evidências sobre vacinação, profissão dos pais, grau de instrução e até a religião.

3.4 Civismo e a disciplina na escola

Nesse contexto de análise, identificamos a valorização do civismo que está relacionado às atitudes e aos comportamentos que no dia a dia manifestam os cidadãos na defesa de certos valores e práticas assumidas como os deveres fundamentais para a vida coletiva, visando a preservar a sua harmonia e melhorar o bem-estar de todos, tendo em vista o respeito aos valores, às instituições e aos semelhantes. Ele não se restringe ao amor à pátria como forma única de vida, mas é um ato cívico, por estar respeitando às leis e à sociedade.

É o que se ratifica nos ensinamentos de Almeida (2011, p. 88):

outras atividades comuns nas práticas escolares são aquelas referentes ao desenvolvimento do civismo, como as comemorações das datas cívicas e desfile cívico. A escola sempre aproveita suas datas cívicas para estimular o desenvolvimento do espírito cívico e apresentar aos alunos partes da construção da história do país. Em determinada data cívica, realizam-se atividades comemorativas resgatando o contexto histórico relacionado e a implicação do fato na história do país. As datas cívicas na escola e na sociedade em geral sofreram um abalo devido a uma nova historiografia que mostrou que muitas destas datas e heróis nacionais – analise nosso hino nacional, um poema parnasiano sem sentido para quase todos nós – não passavam de propaganda e história forjada pela República e pelos Governos posteriores.

O nacionalismo era predominante na época da fundação da instituição pesquisada, e a escola era um local onde as práticas nacionalistas eram realizadas em várias oportunidades. Semanalmente, havia o hasteamento à bandeira, com o canto do Hino Nacional Brasileiro e do Hino à Bandeira, além de leituras de textos referentes à pátria e poesias elaboradas pelos próprios alunos.

Para Silva (2015, p. 57),

Os rituais, celebrações e festividades que pertenciam ao calendário escolar eram comemoradas pela comunidade escolar e as festas que a instituição realizava, como bailes, festas juninas e desfiles contavam com a participação dos familiares de alunos. As festas ocupavam grande quantidade de tempo durante o ano letivo e os professores eram responsáveis por ornamentar a escola, a sala de aula, participar ativamente das comemorações, difundindo os valores cívicos e cumprindo as atividades previamente determinadas pelas autoridades educacionais. O desempenho dos alunos e dos professores era avaliado pelos diretores, coordenadores e sociedade em geral, conforme a qualidade das apresentações veiculadas nos dias festivos.

No entendimento de Silva (2009), as comemorações cívicas ou religiosas, realizadas periodicamente, são instrumentos de resistência ao esquecimento do passado, ou melhor, é a utilização do passado no presente, um entrecruzamento de tempos, espaços e vozes que fazem parte do mecanismo educativo que reitera a memória dos educandos. Trata-se de mais uma característica nada imparcial das festas, uma vez que elas têm a capacidade de eleger o que deve ser lembrado, alterar os sentidos do tempo emocional e cronológico dos sujeitos, inculcar subjetivações e ideias.

Além de todo esse arsenal ideológico e representativo a que a festa remete, ela também altera a dinâmica da escola, indicando permanência e repetição, variando conforme a finalidade da comemoração. Nessas festas, depreendia-se a forte relação entre política, Igreja e o Estado, pois havia, explicitamente, a hierarquia, o preconceito e o compromisso com as elites. E, apesar de todo esse emaranhado, ainda assim, havia na festa o seu valor mais humilde, que seria a valorização das pequenas ações que envolviam a todos.

Na concepção de Almeida (2011, p. 92),

os desfiles cívicos, rituais cívico-patrióticos, legado dos grupos escolares, continuam incorporados às práticas escolares, ainda sendo enaltecidos e incentivados pelo poder público, são espetáculos de grande visibilidade social, e acontecem todos os anos em comemoração à independência do Brasil. Cada ano possui uma temática, na qual alunos, professores e funcionários empenham-se em desenvolver, apresentar e conscientizar a sociedade quanto a fatos históricos e a cultura vinculada ao tema. Assim como as demais atividades referentes à prática do

civismo, o desfile cívico apresenta-se como um ritual dotado de muita ordem e disciplina.

O desenvolvimento dos valores cívico-patrióticos recebeu destaque nas escolas devido à ideologia do regime militar, a partir de 1971, com a inclusão das disciplinas Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde como obrigatórias do currículo, além de Ensino Religioso.

Do mesmo modo, as demais atividades referentes à prática do civismo, a exemplo do desfile cívico, apresentam-se como rituais dotados de muita ordem e disciplina. À frente desse desfile cívico, situa-se a banda fanfarra da escola, que mobiliza a participação intensa dos alunos. A disposição dos integrantes apresenta-se muito bem organizada, com os instrumentos distribuídos de forma simétrica, abrindo e dando ritmo à marcha dos participantes do desfile, tornando evidente à sociedade os vínculos da escola com a nação.

Figura 37 – Alunos do Grupo Escolar perfilados para o desfile cívico



Fonte: arquivo pessoal da professora Socorro Maranhão

O uso de fardamento e a formação impecável são elementos notáveis na figura acima. A escola demonstrava devoção à pátria, orgulho pelo país. Manifestava-se solidariedade entre as pessoas, sempre em busca de preservação dos princípios fundamentais e da constituição de um Estado organizado, com um trabalho exemplar para a coletividade, tornando-se práticas especificamente políticas de um país formando uma cultura.

Figura 38 – Os jipes, com as alegorias do desfile



Fonte: arquivo pessoal da professora Socorro Maranhão

Essas imagens traduzem recordações para uma vida toda, já que as fotos dos desfiles cívicos da escola remetem a lembranças, algo insubstituível, que celebra o passado e motivou por muitos anos o futuro, eternizando momentos. A Figura 38 demonstra a organização dos jipes em fila, transportando alguns alunos como destaques, fazendo daquela ocasião a demonstração de algumas atividades realizadas na escola, sendo aquele o transporte escolhido.

Naquela época, esses desfiles correspondiam ao momento de despertar em cada criança o sentimento de patriotismo, além de proporcionar a integração entre a escola e a comunidade. As palavras da professora Leda Maria Moraes Alves ratificam essa questão:

participei também na organização e incentivava os desfiles, era o momento para apresentarmos a comunidade nossos trabalhos desenvolvidos e assim a comunidade conhecia e valorizavam os trabalhos da escola. Porque naquele tempo era um evento na cidade que chamava atenção de todos, e os alunos na maioria participavam de farda, diferente de hoje que parece mais um desfile alegórico e não um desfile cívico, só querem participar hoje se forem de destaque, porque não gostam de usar a farda e já não querem mais participar. Naquele tempo os alunos que eram escolhidos, selecionados eram aquelas meninas bonitas, que andavam bem higienizadas, limpas, aquelas que se destacavam na aprendizagem chegando a serem rotuladas as mais inteligentes, comportadas, que tinham postura, que podia aparecer em um lugar para representar a escola (INFORMAÇÃO VERBAL, 2018).¹²

¹² Leda Maria Moraes Alves. Professora. Entrevista.

Portanto, infere-se que o nacionalismo é valorizado e identificado pela nação sob o ponto de vista ideológico. Diferencia-se do patriotismo considerado manifestação de amor aos símbolos do Estado, porquanto o nacionalismo apresenta uma definição política mais abrangente. Como exemplo, a defesa dos interesses da nação antes de quaisquer outros e, sobretudo, de sua preservação enquanto entidade, nos campos linguístico, cultural etc. contra processos de destruição identitária ou transformação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto, foi possível estabelecer algumas relações entre a política local, estadual e nacional, no que diz respeito às relações sociais mais amplas e, especificamente, ao projeto educacional dos grupos escolares.

Constatou-se, ainda, que a educação é atrelada ao contexto histórico, político, social, econômico e cultural da época, e que, em diversos momentos, o sistema educacional experimentou ações que se efetivaram positivamente, enquanto em outros, a educação sofreu retrocessos, ficando em segundo plano.

Compreendeu-se, inclusive, a importância de estudar a história das instituições escolares, que foi crucial na realização dessa pesquisa, pois por intermédio das entrevistas concedidas, verificou-se como ocorria o funcionamento de um grupo escolar, como se deu o surgimento e a consolidação do grupo, ou seja, que ele ocorreu em um contexto de ensino tradicional, mecânico, caracterizado pela transcrição, pelo autoritarismo e pela famosa memorização. Entretanto, para aquela época, eram consideradas de excelência e muito valorizadas pela comunidade escolar.

O cotidiano do grupo escolar foi marcado por alguns aspectos, como as festas cívicas, a abertura e o encerramento do ano letivo, as férias escolares. Por meio desses eventos, foi possível promover conexões e apreender os aspectos culturais vivenciados no interior da escola, servindo como fonte para um padrão cultural, com vistas a uma reorganização de comportamento.

Os discentes seguiam uma rotina onde todos os dias deveriam cumprir um ritual, a exemplo das atividades cívicas, que incluíam cantar o hino nacional e estadual no pátio da escola, ficar perfilados em filas para a realização da atividade, com muito respeito ao momento. A religião também era prioridade na instituição, pois todos os alunos rezavam antes de adentrarem na sala de aula, sendo a religião Católica a predominante, devido à homenagem que deu origem ao nome da escola ser destinada ao Pe. Delfino, que disseminou na comunidade o hábito religioso católico, realizando os eventos da Primeira Eucaristia para os alunos.

Em virtude desse ensino tradicional, havia um grande respeito para com os professores, uma valorização que hoje não se percebe pela profissão docente, onde os pais eram mais participativos na vida escolar de seus filhos e mantinham boas relações com a escola, alcançando bom desempenho.

A partir de registros de situações do cotidiano escolar, da leitura, do olhar curioso e atento do pesquisador educacional, vieram à tona detalhes passados, presentes em fotografias, com a

proposta de desvendar e compreender aspectos da história da escola, da educação e da cultura escolar. Ao perscrutar fotografias de épocas diversas, buscou-se identificar e deixar à mostra eventuais semelhanças e transformações ocorridas no processo educacional ao longo de sua existência, comparando-as com situações do cotidiano da educação contemporânea.

No que diz respeito ao grupo escolar, notou-se o interesse dos poderes constituídos, no sentido de inculcar na sociedade os princípios republicanos. Nessa direção, os políticos e as camadas mais abastadas da sociedade discursavam promovendo um projeto educacional que trouxesse o município à modernidade e ao progresso, visando a retirar a sociedade do analfabetismo e da ignorância, entendidas como herança de um passado próximo.

Assim, o Grupo Escolar Padre Delfino representou, naquele período, em Timon, Maranhão, o ato principal de investida política para a formação do cidadão moderno e civilizado. Para mais, essa instituição foi e continua sendo uma referência na cidade, por ter contribuído positivamente para a formação das pessoas no município. Por essa razão, é muito valorizada por estudantes, pelos professores e pela comunidade em geral, pelo pioneirismo, pela solidez dos ensinamentos e pelo fato de ser a única instituição pública gratuita, como escola militar da cidade.

Diante dessas reflexões, considera-se que esse trabalho não é conclusivo. Essa pesquisa abre-se para outras possibilidades de investigações: a docência e direção desse grupo; a arquitetura; o currículo; o método de ensino. Estas são algumas das variáveis que ainda se apresentam como lacunares, mas que, ao mesmo tempo, mostram-se como importantes aspectos a serem analisados, descritos, estudados, preservados e disseminados por meio de novos estudos.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do Cpdoc**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALMEIDA, W. R. A. de. **Retrato da escola: estudo de imagens fotográficas do cotidiano escolar**. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio Claro.
- ARANHA, M. L. de A. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1989.
- BUENO, B. O.; CATANI, D. B.; SOUSA, C. P. de. **A vida e o ofício dos professores. Formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração**. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.
- BENCOSTTA, M. L. A. (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BUFFA, E.; PINTO, G. de A. **Arquitetura e educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos Grupos Escolares paulistas (1873-1971)**. São Carlos: Edufscar; Brasília: INEP, 2002.
- BÚRIGO, T. B. S. **Grupo Escolar Professor Padre Schüller – educação, história e memória em Cocal do Sul – Santa Catarina**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma.
- BURKE, P. **A Escrita da história: novas perspectivas**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.
- _____. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. Tradução Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.
- CATROGA, F. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.
- COÊLHO, J. E. **Padre Delfino e Timon: vida, missão, história**. Teresina: EDUFPI, 2015.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- DOMINGUES, J. . **Boletim escolar como documento**. Disponível em <[https://ensinarhistoriajoelza.com.br/Blog: Ensinar História](https://ensinarhistoriajoelza.com.br/Blog:EnsinarHistoria)>. Acesso em: 20 abr. 2018.
- FARIA FILHO, L. M. de; VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, 2000.
- FERRO, M. do A. B. **Educação e sociedade no Piauí republicano**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

_____. **Cazuza e o sonho da escola ideal**. São Luís: EDUFMA, 2010.

GATTI JÚNIOR, D. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAÚJO, J. C.; GATTI JÚNIOR, D. (org.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia (MG): EDUFU, 2002.

GONÇALVES, I. A. **Cultura escolar: práticas e produção dos grupos escolares em Minas Gerais (1891-1918)**. Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC, 2006. 200p.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. Tradução de Gizele de Sousa. In: **Revista brasileira de história da educação**, n. 1 jan./jun. 2001.

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão *et al.* 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001. 259p.

LOPES, E. M. T.; GALVÃO, A. M. O. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARCÍLIO, M. Luiza. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

MAGALHÃES, J. P. de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2004. 178p.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

NASCIMENTO, E. S. do. **Desbravando inteligências para o desenvolvimento: o Projeto Bandeirante e a expansão do ensino secundário no Maranhão (1968-1973)** Teresina, 2013. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, 2013.

OLIVEIRA, A. C. M. de. **A história da mulher no magistério no século XX: vocação e representação**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus São Cristóvão. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/>>. Acesso em: 23/03/2017

SANTOS, E. C. R. dos. Grupos escolares ou escolas reunidas? A expansão da escola graduada em Mato Grosso. **Revista leph**, ano VIII, n. 20, dez. 2013. ISSN 1807-6211

SAVIANI, D. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. In: SAVIANI, D. *et. al.* **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SILVA, C. M. C. de S. **História das práticas pedagógicas e cultura escolar do Colégio Salesiano de Santa Teresa, Corumbá- MS (1972-1987)**. 2009. 179 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2009.

SILVA, Cristiano de Assis. **A constituição da rede escolar de Timon-MA: do Grupo Escolar ao Ginásio Bandeirante (1942-1971)**. 2014. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

SILVA, D. R. **A institucionalização dos grupos escolares no Maranhão (1903-1920)**. São Luís, 2011. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, 2011.

SILVA, M. C. B. da. **As festas escolares no Brasil: uma análise a partir da literatura sobre a temática e à luz da teoria crítica**. 2015. 90f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2015.

SOUSA, R. de C. **Timon: sua história, sua gente**. Timon. Gráfica e editora Halley S.A., 2005.

SOUZA, R. F. de. Lições da escola primária. In: SAVIANI, D. et. al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SOUZA, R. F. de; VALDEMIRA, V. T. (org.). **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. Apoio: Unesp/FCLAr. (Coleção Educação Contemporânea). 2005.

SOUZA, M. C. C. C. de. **A escola e a memória**. Bragança Paulista: IFAN – CDAPH; Universidade São Francisco – EDUSF, 2000. 196p.

THEODORO, J. **A construção da cidadania e da escola nas décadas de 1950 e 1960**. Disponível em: <http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/texto_escolas_paulistas.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2018.

VIDAL, D. G. **Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. 187p. (Coleção Memória da Educação).

_____; SOUZA, M. C. C. C. de. **A memória e a sombra – a escola brasileira entre o Império e a República** (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 160p.

VILLAS BOAS, M. S. de M. **Grupo Escolar 13 de maio e a educação primária na periferia de Uberlândia, MG -1962-71**. 134f. il. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Sites:

<<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-timon.html>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

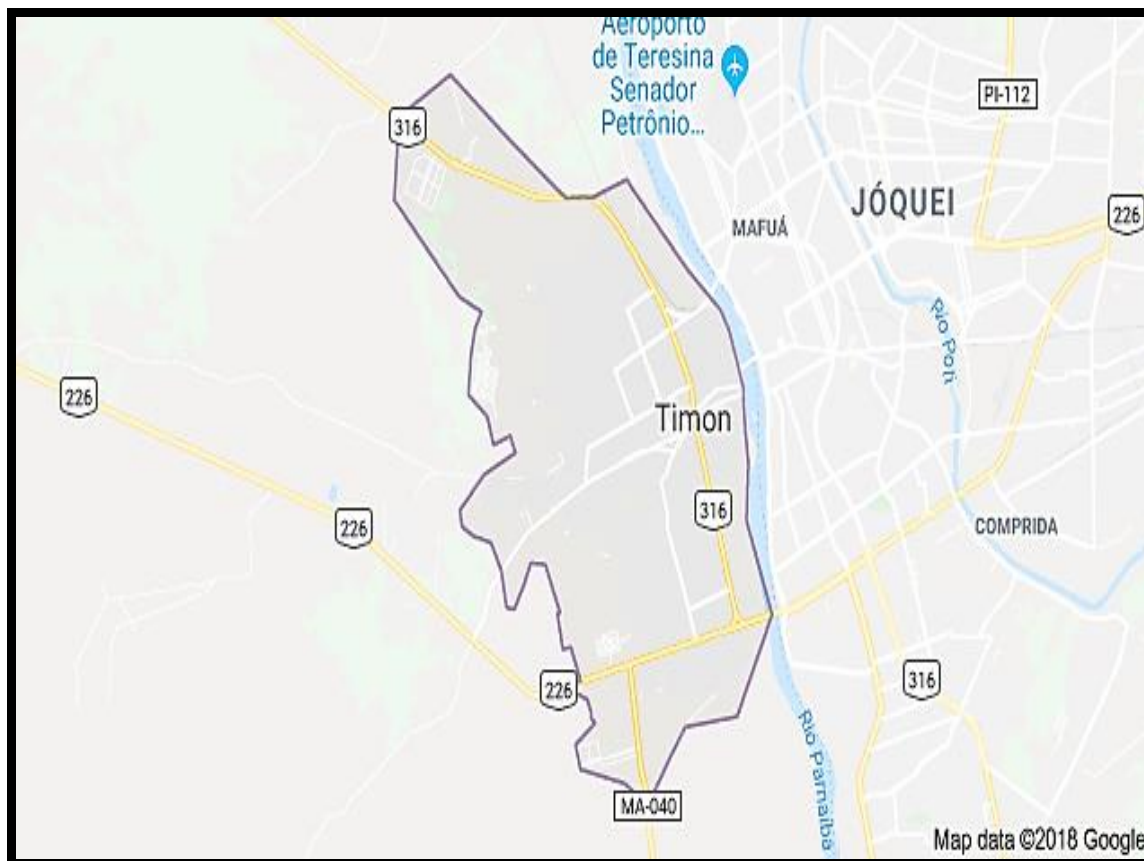
<<http://www.tiazu.com.br/fotos.html>>. Acesso em: 17 set. 2017.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Urbano_Santos>. Acesso em: 03 fev. 2018.

<<https://www.portalsaofrancisco.com.br/automoveis/historia-da-jeep>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

ANEXOS

ANEXO A - Localização de Timon – MA



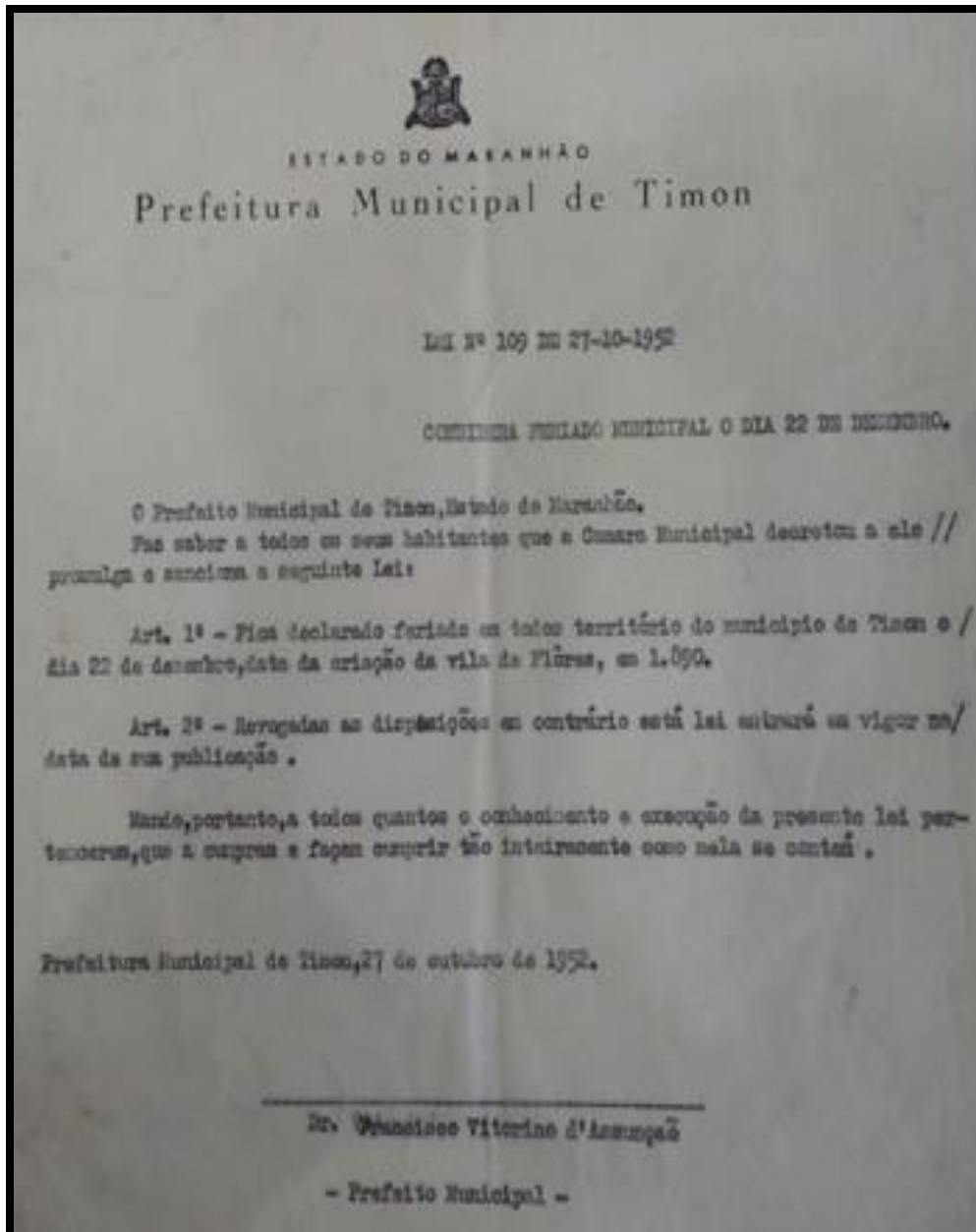
Fonte: Google Maps (2018).

ANEXO B – Mapa do Maranhão



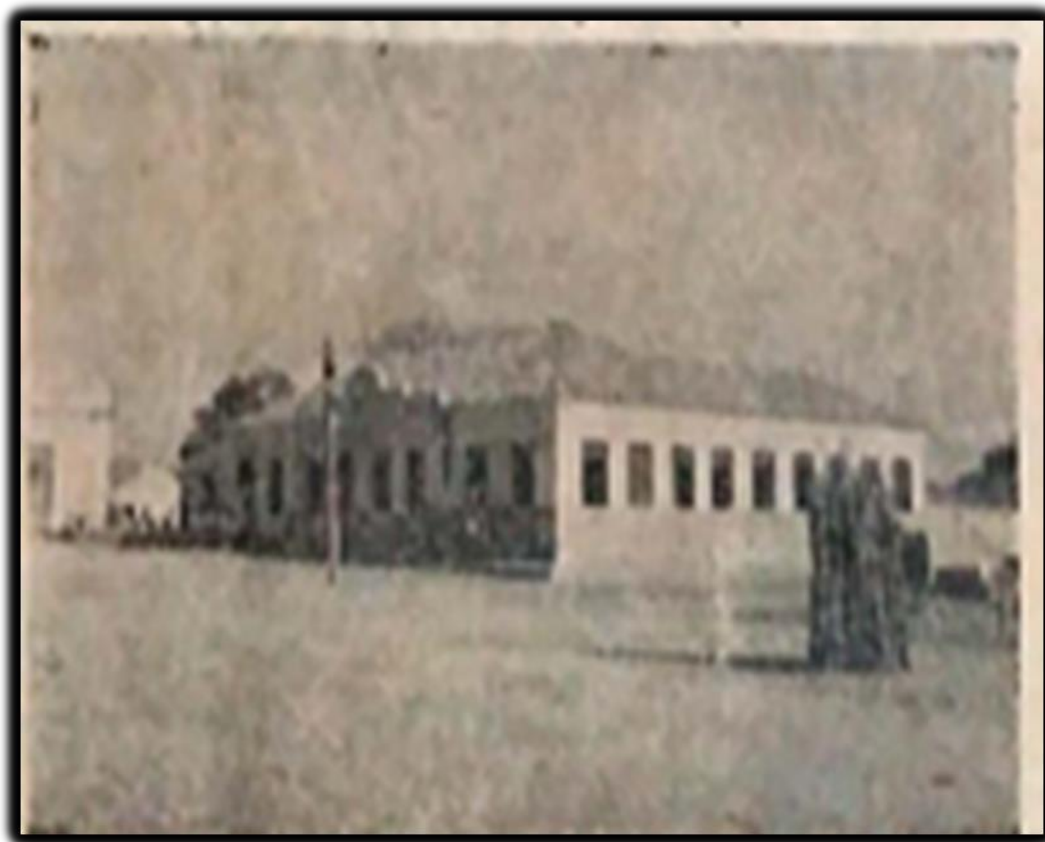
Fonte: IBGE (2018).

ANEXO C – Decreto da Lei Nº 109 de 27-10-1952, que sanciona o Feriado em Timon



Fonte: Arquivo Público Maranhão

ANEXO D – Grupo Escolar Urbano Santos



Fonte: Jornal Correio de Timon (1957).

ANEXO E – Visita do Governador Matos Carvalho

Timon, 19 de Outubro de 1957

CORREIO DE TIMON

pág. 7

Governador Matos Carvalho

— Visita Timon —

Rumo a Caxias onde assistiu às solenidades de encerramento da VII S. Ruralista, transitou por Timon o Governador Matos Carvalho. Desembarcando no aéreo porto de Teresina, foi S. Excia. recebido pelo sr. General Jacob Galvão, Governador do Piauí autoridades piauienses e timonenses.

O Governador Matos Carvalho e sua ilustre comitiva foram nobremente obsequiados pelo Governo do Piauí, num encontro em que os Chefes dos Estados vizinhos tornaram saliente, através dos discursos pronunciados em Karnack, a união e entendimento sempre havidos entre as duas unidades federadas e respectivos governantes.

Organizou-se, em seguida, grande cortejo de automóveis até esta cidade. Foi S. Excia. saudada, em nome do povo e das autoridades locais, pelo vigário Pe. Delfino da Silva Junior. Fizeram-se ouvir ainda, em nome da mulher timonense, a prof. Maria do Carmo Neiva; em nome dos operários, o industrial José Waquim, e mais o deputado Ivar Saldanha, Secretário de Finanças. Em seguida, na residência do Pe. Delfino, realizou-se lauto almoço discursando o Dr. Pitágoras de Moraes, juiz de Direito da Comarca; jornalista Soares Reis e o Pe. Delfino. O sr. Governador respondeu a todos os discursos, tendo na oportunidade dado aos timonenses a melhor surpresa, a afirmação de haver destinado para Timon um Grupo Escolar cuja construção dependia apenas de cessão do terreno por parte da municipalidade. Ainda com a palavra a prof. Maria do Carmo Neiva, reproduzindo proposta da prof. Conceição Lima Nunes, solicitou ao sr. Governador fosse dado ao novo Grupo Escolar o nome de "Pe. Delfino" — o que obteve imediato assentimento do Dr. Matos Carvalho e apoio dos assistentes.

As 14 horas, o sr. Governador tendo visitado a Prefeitura Municipal, o Posto de Saúde Municipal, a "Caixa do Pobre", a Sede futura da "Caixa do Pobre", em construção, foi recepcionado no Grupo Escolar Urbano Santos pelas professoras e alunas.

Proseguiu o sr. Governador viagem a Caxias, inspecionando antes as obras de construção da rodovia, trecho compreendido entre aquela e a nossa cidade.

Em companhia do Governador Matos Carvalho viajaram Dep. Ivar Saldanha, Secretário de Fi-

nanças; ex-governador Eugênio Barros; Dr. Rui Mesquita, Diretor do D.E.R.; Dr. Silas M. Lima, inspetor do S. F. Agrícola, e o seu Assistente Militar.

Notamos entre os presentes às festas com que foi homenageado o Dr. Matos Carvalho, o mundo social timonense, o representante do sr. Governador do Piauí, Dr. Pires de Sabóia, diretor dos "Diários Associados" do Maranhão, Dr. Valdir Guimarães Diretor da Radio Difusora de Teresina, Dr. Menção de Paiva Elvas, diretor do S. A. Federal nesta cidade, Dr. Alboino Aires de Menezes, chefe da Inspeção de Defesa Vegetal do Piauí e outras altas personalidades. A Radio Ribamar de São Luis do Maranhão fez a cobertura total da recepção e do banquete.

Governador Matos Carvalho inspeciona o trabalho de construção da Rodovia que liga São Luis a Teresina.

A foto acima é uma demonstração da Ponte sobre o Riacho das Fombas, a 1 legua de Timon. Vem-se no clichê, além do Governador, o Dr. Rui Mesquita, Diretor do D.E.R. do Maranhão ex-governador Eugênio Barros, Joaquim Martins Ferreira, prefeito de Timon, Padre Delfino da Silva Junior, Vigário desta Paróquia, e outras ilustres personalidades.




O Sr. Governador Matos Carvalho rumo a Caxias, transitou por Timon onde foi festivamente recebido pelas autoridades e o povo. Na foto S. Excia. já na Estação ferroviária, para viajar rumo à Princesa do Serião.

Fonte: Jornal Correio de Timon (1957).

ANEXO F – Placa de Inauguração Grupo Escolar Padre Delfino



Fonte: acervo pessoal da autora

ANEXO G – Pe. Delfino da Silva Júnior



Fonte: Disponível em: <<http://www.tiazu.com.br/fotos.html>>. Acesso em: 17/09/2017

ANEXO H – Pais do Pe. Delfino da Silva Júnior



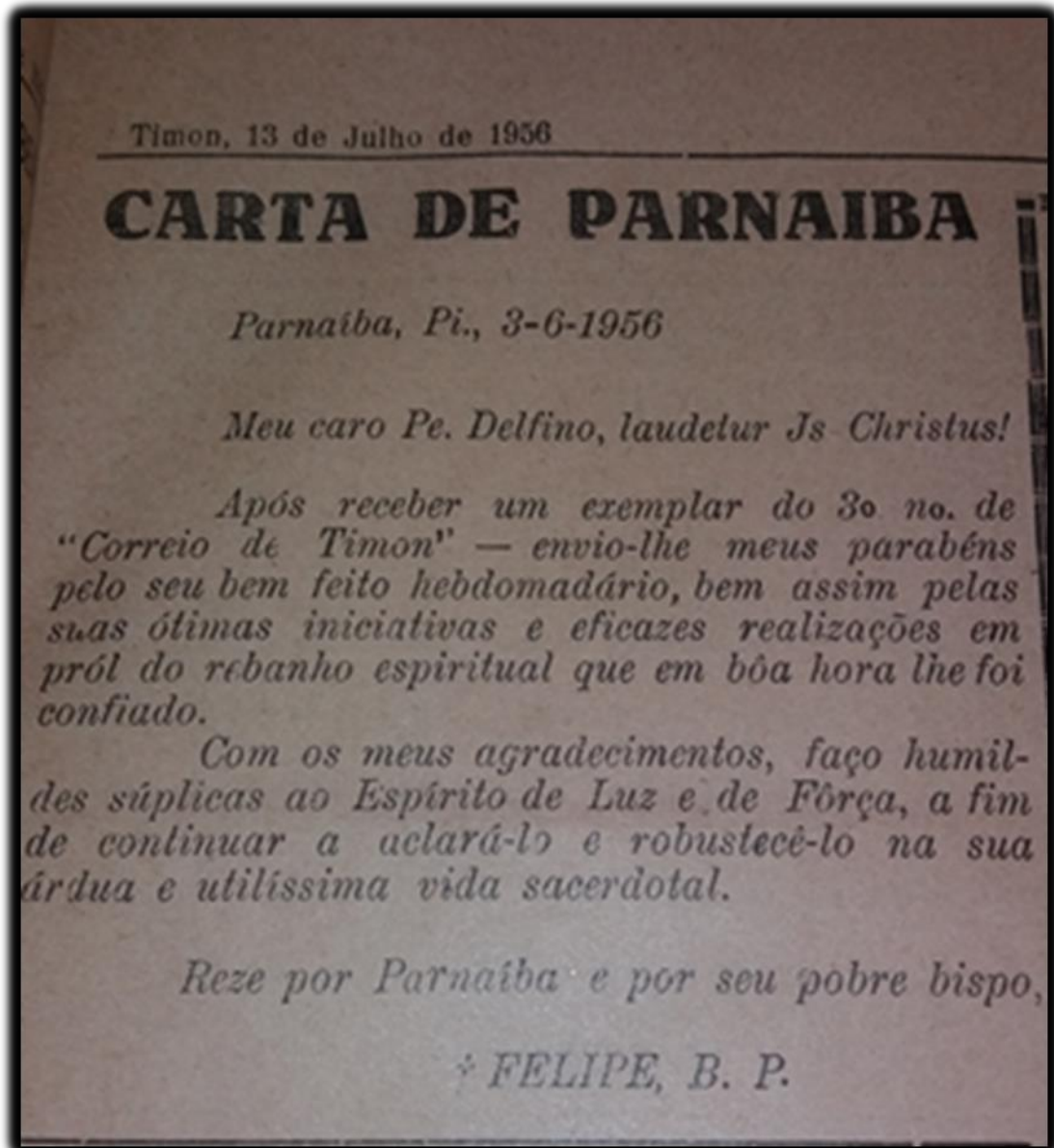
Fonte: Disponível em: <<http://www.tiazu.com.br/fotos.html>>. Acesso em: 17/09/2017

ANEXO I – Pe. Delfino da Silva Júnior e seus familiares



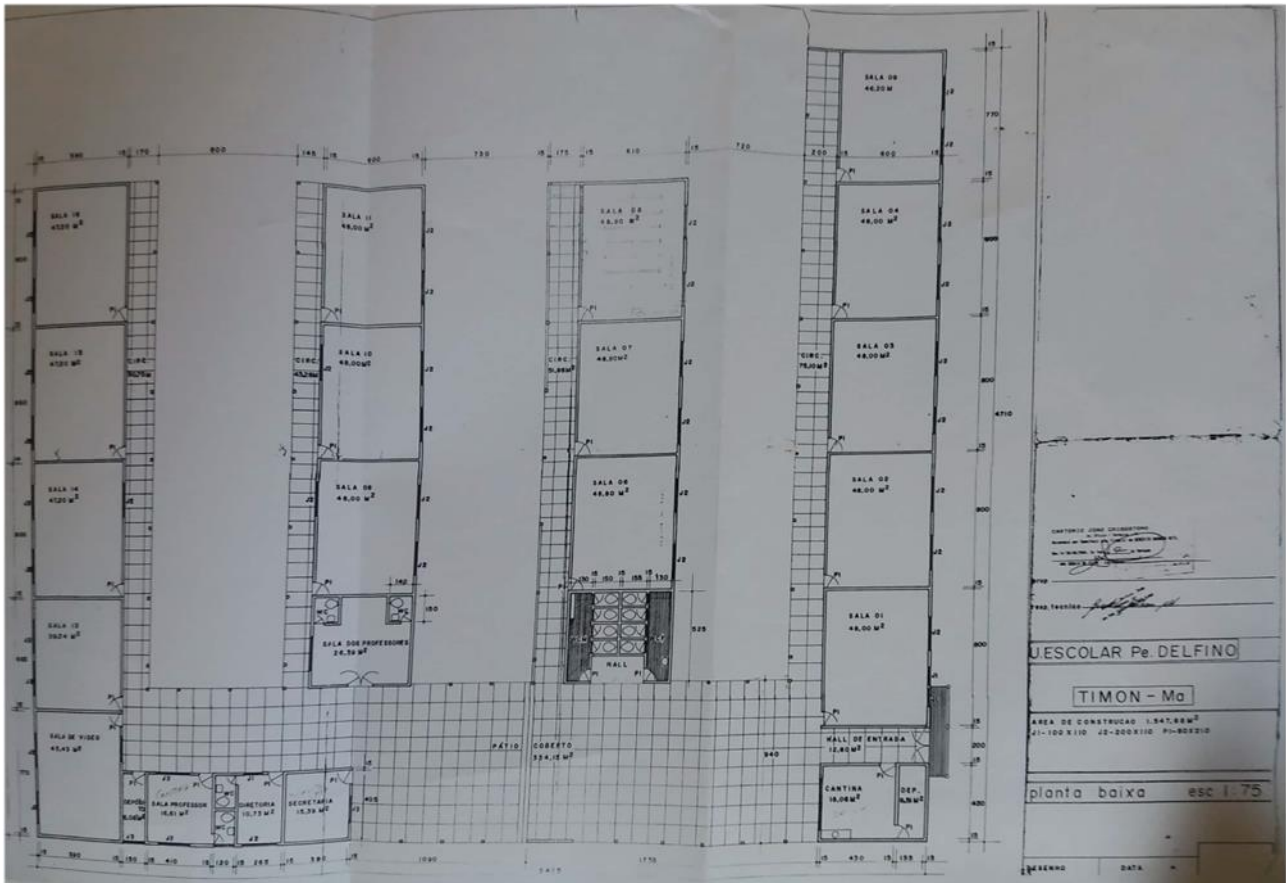
Fonte: Disponível em: <<http://www.tiazu.com.br/fotos.html>>. Acesso em: 17/09/2017

ANEXO J – Carta ao Pe. Delfino, no Jornal Correio de Timon




Fonte: Jornal Correio de Timon (1956).

ANEXO L – Planta da Unidade Escolar Padre Delfino



Fonte: Grupo Escolar Padre Delfino (2000).

ANEXO M – Autorização de Funcionamento do Curso Pré-Escolar Jardim de Infância Santa Maria Gorete


ESTADO DO MARANHÃO
CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

RESOLUÇÃO Nº 169/92-CEE

Autoriza o funcionamento do curso Pré-Escolar no Jardim de Infância "Santa Maria Gorete", em Timon.

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO MARANHÃO, no uso de suas atribuições legais e, considerando o Parecer da Câmara de Ensino Fundamental e Médio, emitido no Processo nº 245/92-CEE, unanimemente aprovado em Sessão Plenária hoje realizada.

R E S O L V E:

Autoriza o funcionamento do curso Pré-Escolar, no Jardim de Infância "Santa Maria Gorete", da Rede Estadual de Ensino localizada à rua José Simões Pedreira, nº 311 centro, no município de Timon, neste Estado, pelo prazo de dois (02) anos a contar desta data, antes do qual deverá ser providenciado o pedido de reconhecimento.

SALAS DAS SESSÕES PLENÁRIAS DO CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO MARANHÃO, em São Luis, 21 de outubro de 1992.

Dania da Conceição Ferreira
Dania da Conceição Ferreira
Vice Presidente no Exercício da Presidência - CEE

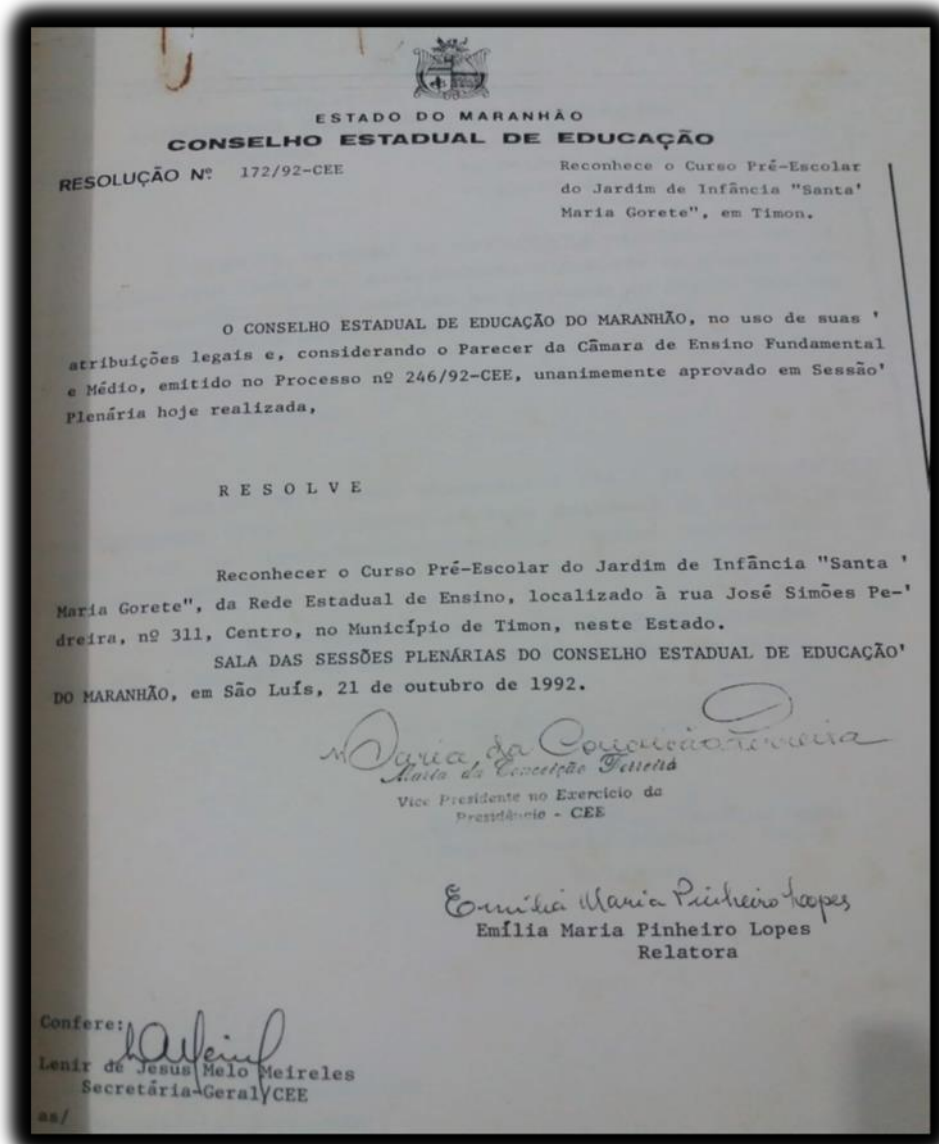
Emília Maria Pinheiro Lopes
Emília Maria Pinheiro Lopes
Relatora

Confere: *Lenir de Jesus Melo Meireles*
Lenir de Jesus Melo Meireles
Secretária-Geral-CEE

RB.

Fonte: Grupo Escolar Padre Delfino (1992).

ANEXO N – Reconhecimento do Curso Pré-escolar do Jardim de Infância Santa Maria Gorete



Fonte: Grupo Escolar Padre Delfino (1992).

ANEXO O – Livro de Ponto (1979)

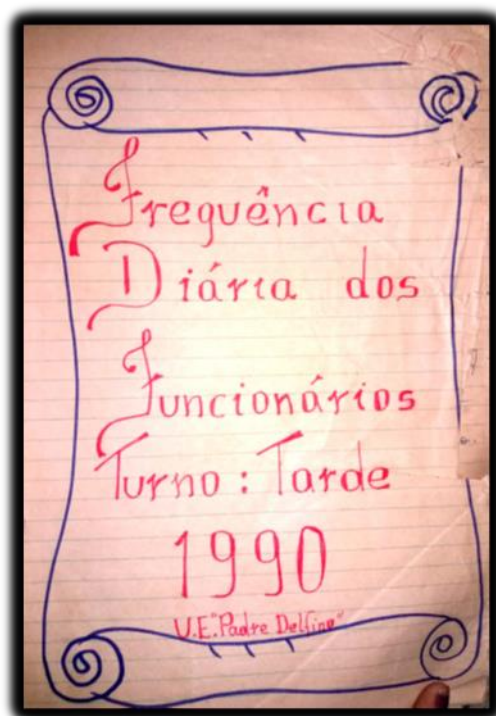
1

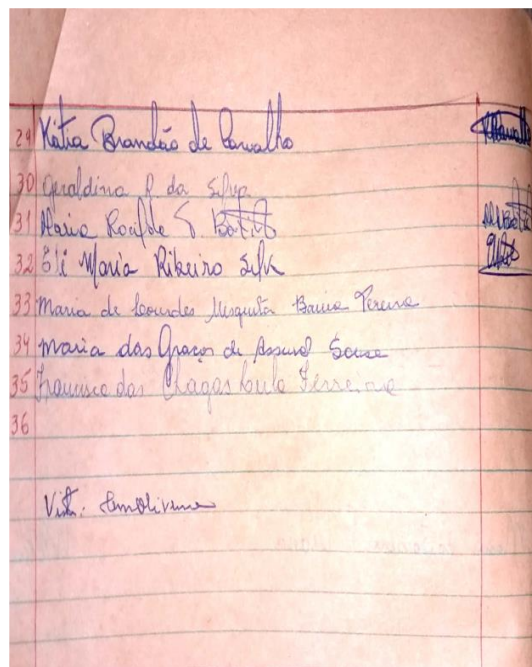
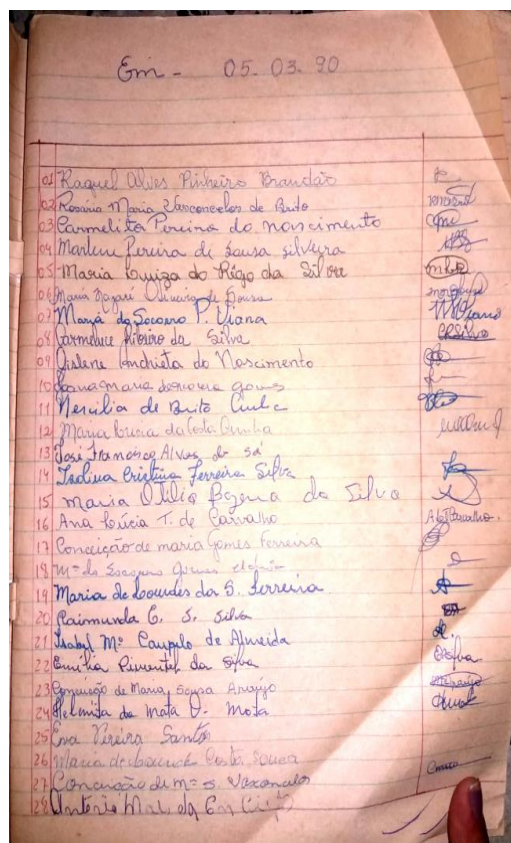
Livro de Ponto do dia 1º de fevereiro de 1979

HORA	ENTRADA	HORA	SAIDA
01	M ^{te} das Neves		licenciada
02	Telesufo de Souza Oliveira		Holm
03	Ayo Teubia Lomba e Silva		Maria
04	Cláudia Maria de Moraes		Luiz Carlos
05	Maria de Lourdes da S. Gomes		M. Ferreira
06	Onélia Veloso de Costa		Valéria
07	Carla Sampaio de Araújo e Silva		Francisley
08	Carla Expedita da Silva		Silva
09			
10	Priscilla dos Santos de Jesus		
11	Francisca Perreira do Silva		H. Silva
	M ^{te} de Jesus Santana		licenciada

Fonte: Grupo Escolar Padre Delfino

Figura 15 – Frequência dos Funcionários (1990)





Fonte: Arquivo do Grupo Escolar Padre Delfino

Figura 16: Educação Especial, década de 1990



Fonte: Arquivo Pessoal da Prof^a Maria Gorete Feitosa Gonçalves

Figura 17: Alunos na Sala Especial década de 1990



Fonte: Arquivo Pessoal da Prof^a Maria Gorete Feitosa Gonçalves

Figura 18: Colégio Militar em 2016



Fonte: Arquivo da Escola Militar

Figura 19: Revista dos Alunos



Fonte: Arquivo da Escola Militar

Figura 20: Alunos em frente à entrada da escola Padre Delfino 2016



Fonte: Arquivo da Escola Militar

Figura 21: Professora Maria do Perpetuo Socorro Ferreira Maranhão na sua Juventude



Fonte: Acervo Pessoal da Professora Maria do Perpetuo Socorro Ferreira Maranhão

Figura 22: Professora Maria do Perpetuo Socorro Ferreira Maranhão e a Professora Iracy Barros Moreira



Fonte: Acervo Pessoal da Professora Maria do Perpetuo Socorro Ferreira Maranhão

Figura 23: Professora Iracy Barros Moreira



Fonte: Acervo Pessoal da Professora Iracy Barros Moreira

Figura 24: Certificado de Aperfeiçoamento 1971


 ESTADO DO MARANHÃO
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA
 DIVISÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO - EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

CERTIFICADO

Certificamos que IRACY BARROS TOURINHO
 frequentou e concluiu com aproveitamento o Curso de E N S I N O
G L O B A L I Z A D O promovido por esta Divisão
 no período de 31 de Maio a 28 de Junho do ano de 1971 ;
 em T I M O N - M A R A N H ã O

Manoel do Socorro Lima Klöhn
 Diretor da Divisão de Aperfeiçoamento
 do Magistério - Educação Primária

Leiteiro
 Diretor do Departamento de Educação Primária

Fonte: Acervo Pessoal da Professora Iracy Barros Moreira

Figura 25: Colação de Grau do jardim de Infância Santa Filomena no Grupo Escolar Padre Delfino



Fonte: Arquivo pessoal do da Professora Socorro Maranhão

Figura 26: Colação de Grau do Jardim de Infância Santa Filomena no Grupo Escolar Padre Delfino, Juramento da Turma



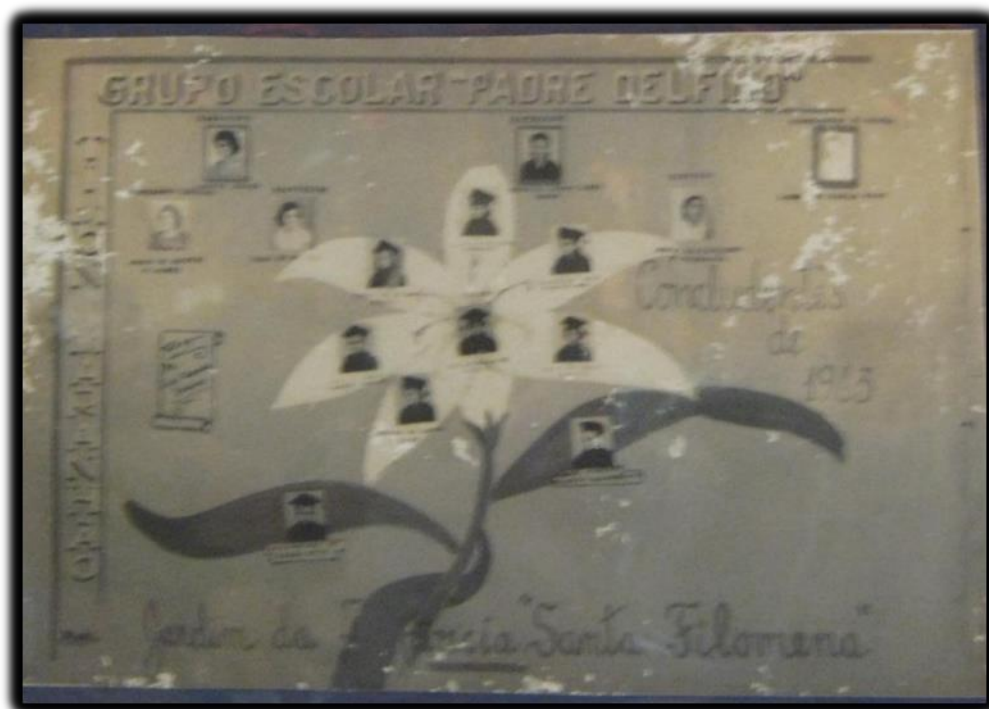
Fonte: Arquivo pessoal do da Professora Socorro Maranhão

Figura 27: Placa da 1ª Turma em 1962



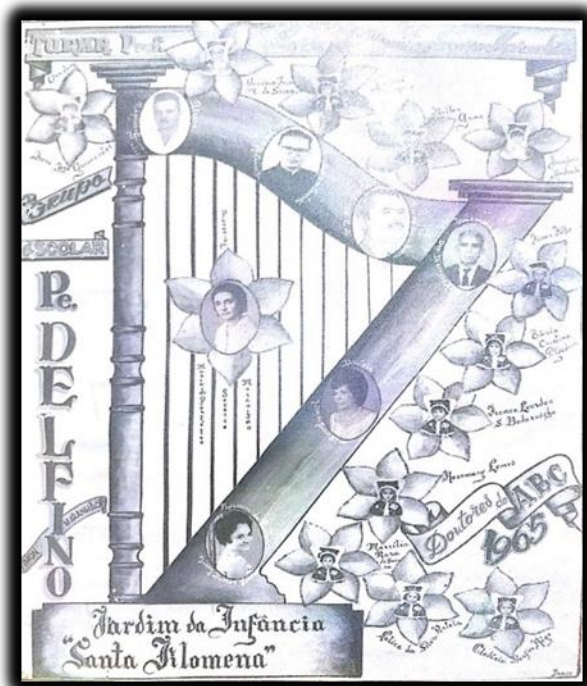
Fonte: Acervo Pessoal da Professora Iracy Barros Moreira

Figura 28: Placa da Turma em 1963



Fonte: Arquivo pessoal do da Professora Socorro Maranhão

Figura 29: Placa da Turma em 1965



Fonte: Acervo Pessoal da Professora Iracy Barros Moreira

Figura 30: Placa da Turma em 1966



Fonte: Acervo Pessoal da Professora Iracy Barros Moreira

Figura 31: Placa da Turma em 1970



Fonte: Acervo Pessoal da Professora Iracy Barros Moreira

Figura 32: Placa da Turma em 1971



Fonte: Acervo Pessoal da Professora Iracy Barros Moreira

Figura 33: Placa da Turma em 1972



Fonte: Acervo Pessoal da Professora Iracy Barros Moreira

Figura 34: Evento de Primeira Eucaristia do Grupo Escolar na Igreja Matriz de São José com o Padre Delfino



Fonte: Arquivo pessoal do da Professora Socorro Maranhão

Figura 35: Boletim Escolar de Notas e Frequência datado 1980

Assinatura do Pai ou Responsável

1.º Bimestre _____
 2.º Bimestre _____
 3.º Bimestre _____
 4.º Bimestre _____

ESTADO DO MARANHÃO
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
 PROJETO REFORMULAÇÃO DE CURRÍCULOS
 SUB-PROJETO ACA

BOLETIM ESCOLAR (I)

ESCALA DE CONCEITOS		
MB — Muito Bom		100 - 81
B — Bom		80 - 61
R — Regular		60 - 41
F — Fraco		40 - 21
I — Insuficiente		20 - 0

Nome da Escola Padre Delfino

Nome do Aluno Maícca Pires Cifuentes

Série 4.º

Turma B.º

Turno matutino

Ano 1980

Unidade Escolar " Padre Delfino "
 Turno Matutino
 Timon - Maranhão

ASPECTOS	BIMESTRES				CONCEITO FINAL
	1.º	2.º	3.º	4.º	
I - FORMATIVOS					
1. Hábitos Higiênicos	B	B	B	R	R
2. Comportamento Social	R	R	R	B	R
3. Iniciativa	R	R	B	B	R
4. Criatividade	R	B	B	B	R
5. Senso Econômico	B	B	R	R	R
II - INFORMATIVOS					
1. Comunicação e Expressão	B	R	R	B	R
2. Iniciação às Ciências	R	R	R	R	R
. Matemática	F	R	R	R	R
. Ciências Físicas e Biológicas	-	-	-	-	-
3. Integração Social	R	R	R	B	R
4. Ensino Religioso					
III - FREQUÊNCIA / FALTAS					
1. Aulas	38/-	33/-	56/.	44/-	
2. Sessões de Educação Física					
SITUAÇÃO FINAL	<input checked="" type="checkbox"/> APROVADO				<input type="checkbox"/> REPROVADO

Mod. 2

Fonte: Arquivo do Grupo Escolar Padre Delfino

Figura 36: Ficha de Matrícula de Aluno

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ENSINO DO 1.º GRÁU

ESTADO DO MARANHÃO

FICHA DE MATRÍCULA



Nome do Aluno Garcia Regina Sousa Karais
 Data de Nascimento 14 de fevereiro de 1969 Sexo Fem
 Certidão N.º 138 Naturalidade Carolina Estado Piauí
 Escola Procedente a mesma Localidade Limoeiro

Nome do Pai Caldemir Karais da Silva Profissão Bancário
 Nacionalidade Brasileira Instrução Ginásio Religião Catolico
 Nome da Mãe Maria Bernardete Silveira Profissão Secretaria
 Nacionalidade Brasileira Instrução Ginásio Religião Catolico
 N.º de Irmãos três Nesta Escola 1
 Responsável Maria Bernardete Sousa Karais
 Endereço Ruinda Getulio Vargas, 205

Grupo Escolar: Colégio Maria - Limoeiro
 Endereço: Rua José Gomes Pedrosa, 311
 Cidade: Limoeiro - Piauí

ANOTAÇÕES:

Cursou Jardim de Infância? sim não Duração _____
 Vacinado contra { Varíola? sim Coqueluche? sim Difteria? sim
 Tétano? sim Paralisia? sim Tifo? sim

VIDA ESCOLAR	IDADE	Ano de Escolaridade	SÉRIE	Avaliação do Ano Anterior	AVALIAÇÃO (Conceito)												Conceito Final
					Janzeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	
1973	05	-	R ₁	-	-	-	-	90	100	80	-	90	80	90	90	-	90
1974	06	1	1 ^a	90	-	-	-	70	70	75	-	70	70	80	75	-	75
1975	07	2	2 ^a	75	-	-	75	80	70	70	-	75	70	80	75	-	75
1976	08	3	3 ^a	75	-	-	80	80	80	80	-	77	70	65	75	-	77
1977	09	4	4 ^a	77	-	-	73	-	72	-	-	73	-	72	-	-	72
19																	
19																	
19																	

Observações: _____

COMPROMISSO: Comprometo-me a atender as solicitações e participar das atividades promovidas por este Estabelecimento

Assinatura do Pai ou Responsável _____ / _____ / Maria Benedita Sousa Moraes

Unidade Escolar " Padre Delfino " _____ / _____ / _____

Turma: Matutino _____ / _____ / _____

Turma: Maranhão _____ / _____ / _____

_____ / _____ / _____

_____ / _____ / _____

_____ / _____ / _____

_____ / _____ / _____

_____ / _____ / _____

Fonte: Arquivo do Grupo Escolar Padre Delfino

Figura 37: Alunos perfilados do Grupo Escolar para o Desfile Cívico



Fonte: Arquivo pessoal do da Professora Socorro Maranhão

Figura 38: Os Jipes com as alegorias do Desfile



Fonte: Arquivo pessoal do da Professora Socorro Maranhão